



Terre des hommes

Ajuda à infância.

tdhbrasil.org

DRA MIN, O QUE
SO ESCUTA OS
CONSELHO DE MA
EU TIVESSE ES
NAO ESTAR

IA ERA
S DELA
QUE SE
ADO EU
FUI.

A mulher Você trata de a
jeito, como se fosse um
cachorro. Eu queria ser
com respeito

"Na minha
escola sabe
que eu to na
PSC e todo
mundo me
ata bem,
e apoia"

AS VEZES OLHA
MÃES DELES FA
"OLHAA, INDO VIS
CRUZ DELA É HORR
É UMA HUMILHAÇÃO

Voices

O que pensam os/as adolescentes sobre o sistema socioeducativo, a prevenção ao ato infracional e sua responsabilização

Sobre a Terre des hommes Lausanne no Brasil

Terre des hommes Lausanne no Brasil (Tdh) é uma instituição sem fins lucrativos, membro da Fondation Terre des hommes, organização internacional fundada em 1960, que age com compromisso e eficácia em prol dos direitos de crianças e adolescentes em qualquer circunstância social, na perspectiva de sua valorização como sujeitos de direitos, partícipes do desenvolvimento da cidadania.

Fundamentando-se nos preceitos constitutivos do Estatuto da Criança e do Adolescente, do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo e da Convenção Internacional dos Direitos das Crianças, Terre des hommes tem foco preciso na participação igualitária de crianças e adolescentes, em todas as ações que desenvolve, considerando o protagonismo infantojuvenil como um direito humano, conforme está contemplado no Artigo 12, da Carta das Nações Unidas voltada para os Direitos da Criança, de 1989.

Valorizando processos participativos que envolvem crianças, adolescentes e jovens, Terre des hommes objetiva o fortalecimento das competências e potencialidades desses em defesa da melhoria de suas condições de vida, e ainda, na construção conjunta de metodologias e estratégias de garantia de seus direitos fundamentais de acordo com os princípios legais vigentes.

“Copyright 2016, Terre de hommes – Ajuda à Infância. É permitida a reprodução total ou parcial dos textos desta publicação, desde que citada a fonte.”

Vozes

O que pensam os/as adolescentes sobre o sistema socioeducativo, a prevenção ao ato infracional e sua responsabilização

A publicação Vozes vem sendo desenvolvida por Terre des hommes Brasil (Tdh Brasil) desde o ano de 2008, tendo sempre por objetivo promover a escuta de crianças e adolescentes acerca de temas pertinentes aos seus interesses e então, reverberar suas vozes dentro da sociedade. Tem como objetivo conhecer as opiniões de adolescentes e, assim, incidir politicamente em defesa dos direitos de adolescentes que estão em cumprimento de medidas socioeducativas, bem como para a prevenção às situações de violência e ato infracional.

Ao longo dessa caminhada, três edições do Vozes foram publicadas: Vozes sobre o monitoramento da Convenção Internacional dos Direitos das Crianças (2008); Vozes: sobre o que pensam crianças e adolescentes sobre um lugar seguro (2009); Vozes: que pensam os/as adolescentes sobre atos infracionais e as medidas socioeducativas (2012); Vozes: que pensam os/as adolescentes sobre os atos infracionais e as medidas socioeducativas – vozes sobre violência juvenil, práticas restaurativas, responsabilização e paz (2014).

Nesta edição, Tdh busca não só contribuir na construção de espaços que garantam o direito à participação juvenil, mas também ensejar uma fotografia das ações de todos aqueles que fazem as políticas públicas voltadas para esse público-alvo, proporcionando, assim, um processo de constante auto-avaliação sobre nossas práticas, metodologias e resultados.

Para tanto, foram realizadas escutas com 105 adolescentes e jovens na cidade de Fortaleza/CE. Os temas geradores de diálogo com os adolescentes foram: convivência familiar e comunitária, educação, gênero e sexualidade, prevenção ao ato infracional, medidas socioeducativas e futuro.

Como fruto dos positivos impactos alcançados, em 2012, Vozes foi reconhecido pelo Conselho Nacional de Justiça - CNJ, por sua importância como fundamentação para a prática dos operadores dos direitos infantojuvenis.



Vozes

**O que pensam os/as
adolescentes sobre o
sistema socioeducativo, a
prevenção ao ato infracional
e sua responsabilização**



**Este documento foi elaborado com a participação financeira da União Europeia.
O seu conteúdo é de responsabilidade exclusiva de Terre des hommes Brasil, não
podendo, em caso algum, considerar que reflita a posição da União Europeia**

FICHA TÉCNICA

Terre des hommes Lausanne no Brasil (Tdh)

Anselmo de Lima – Responsável Delegação Tdh no Brasil

Renato Pedrosa – Diretor Executivo

Lastênia Soares – Gerente de Educação e Formação

Carolina Oliveira – Assessora Técnica em Justiça Juvenil

Renata Araújo – Pedagoga

Mateus Ramos – Assessor de Comunicação

Colaboração

Sharon Dias

Liam de La Torre

Sistematização: Carolina Oliveira

Revisão Técnica: Lastênia Soares e Carolina Oliveira

Revisão Textual: Joice Nunes de Souza

Design Gráfico e ilustrações: Dedê Paiva | www.dedepaiva.com.br

Fotografias: Liam de La Torre/Tdh e Drawlio Joca/Tdh

Os artigos assinados nesta publicação são de responsabilidade dos seus autores. Os pontos de vista nele expressos não refletem necessariamente a opinião de Terre des hommes e de seus parceiros.

In memorian de L.R.B.
(adolescente participante desta edição do Vozes)

SUMÁRIO

Apresentação	5
Prefácio	9
Referencial Conceitual-Metodológico	14
VOZES	25
1. Vozes Sobre Convivência Familiar e Comunitária	26
1.1 Vozes sobre Covivência Familiar	28
1.2 Vozes sobre Convivência Comunitária	35
2. Vozes Sobre Escolarização	42
3. Vozes Sobre Gênero e Sexualidade	50
4. Vozes Sobre Prevenção ao Ato Infracional	58
5. Vozes Sobre Medidas Socioeducativas	68
5.1 Vozes sobre Atenção à Vítima	76
5.2 Vozes sobre Medida de Internação	82
5.3 Vozes sobre Medida de Semi-Liberdade	88
5.4 Vozes sobre Medida em Meio Aberto	93
6. Vozes Sobre Ter Voz	98
7. Vozes Sobre Futuro	104
E daqui pra frente?	114
Instituições Parceiras e Facilitadores	116
Adolescentes e jovens participantes da escuta (nomes fictícios)	118

Apresentação



O ano de 2016 trilha seu encerramento com significativos alcances em Terre des hommes (Tdh) no que se refere ao trabalho em defesa dos direitos de crianças e adolescentes no Brasil, especialmente no âmbito do sistema de justiça juvenil e prevenção ao fenômeno da violência urbana, com a difusão do paradigma restaurativo como princípio de justiça através de ferramentas que favorecem a responsabilização, reparação do dano e restauração de vínculos.

Nesse trilhar, há conquistas a serem comemoradas, com a certeza de que nossa responsabilidade de incidir para que efetivamente políticas públicas se fortaleçam para mudanças positivas nas vidas das crianças e dos adolescentes e de modo muito preciso daqueles que encontram-se em situação de conflito com a lei, continua. E isto se constata com mais esta edição do Vozes.

A palavra “infância”, do latim *infantia*, que significa “não falar”, por muito tempo refletiu a concepção do mundo sobre as crianças e adolescentes. Ser infante significava não ter direito a se expressar sobre os próprios sentimentos, necessidades, desejos e ideias. Significava não ter voz.

Nas últimas décadas, muito se evoluiu para mudar essa perspectiva. Fomos provocados a repensar nossas leis voltadas para a população infanto-juvenil. A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989) nivelou a perspectiva mundial sobre o tema. No Brasil, a Constituição de 1988, inovou ao perceber a criança e o adolescente como pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, abriu espaço para a edição do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE (2012), importantes marcos legais para a garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Contudo, ainda que o arcabouço legal nos indique que caminhos seguir, nos deparamos constantemente com a necessidade de reformulação. Não mais da lei, mas reformular o olhar sobre a adolescência, vencer barreiras, estigmas e preconceitos e realimentar a esperança nessa fase da vida que por vezes é desafiadora em nossa cultura, mas também cheia de possibilidades e de renovação.

Como instrumento de revisão sobre o olhar e as ações direcionadas às crianças e aos adolescentes, bem como de garantia ao direito de participação, a publicação Vozes vem sendo desenvolvida por Tdh desde o ano de 2008 buscando de um lado o empoderamento infanto-juvenil na expressão de suas opiniões e sentimentos, ao mesmo tempo que ensejar uma fotografia das nossas ações, proporcionando um processo de constante autoavaliação sobre nossas práticas, metodologias e resultados.

A experiência de Tdh com o Vozes reafirma o quão positiva é a estratégia de oportunizar aos adolescentes serem construtores deste livro. Suas duas primeiras edições, Vozes sobre o monitoramento da Convenção Internacional dos Direitos das Crianças (2008) e Vozes: o que pensam crianças e adolescentes sobre um lugar seguro (2009), funcionaram como mecanismo de reflexão e incidência política, nacional e internacionalmente, fortalecendo políticas públicas infantojuvenis a partir dos interesses e necessidades de seu público.

Dos bons resultados alcançados e da vontade de pautar os avanços e desafios que permeavam a aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA (Lei Federal 8.069/90) e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo/SINASE (Lei federal 12594/12), nasceram suas duas últimas edições, Vozes: que pensam os/as adolescentes sobre os atos infracionais e as medidas socioeducativas (2012) e Vozes: que pensam os/as adolescentes sobre os atos infracionais e as medidas socioeducativas – vozes sobre violência juvenil, práticas restaurativas, responsabilização e paz (2014).

As provocações sobre o Sistema Socioeducativo brasileiro, percebido sob o prisma dos/as adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em seis regiões do Norte e Nordeste do país, moveram reflexões sobre o quanto, mesmo após mais de duas décadas do ECA, ainda é preciso muito esforço para que crianças e adolescentes tenham acesso à justiça e fortaleçam sua participação.

O impacto positivo alcançado vem tomando proporções significativas no Brasil. O reconhecimento explicitado por importantes órgãos como

o Conselho Nacional de Justiça – CNJ, Governo Federal, através da Secretaria Especial de Direitos Humanos e de Membro Comissionado do Comitê das Nações Unidas para a Criança, tem influência para que se continue incidindo pelo direito à participação e justo processo de responsabilização destes adolescentes, avançando quanto à implementação do enfoque restaurativo na execução das medidas socioeducativas, conforme preconiza o Art. 35 do SINASE.

Neste Vozes, Terre des hommes retoma o diálogo sobre o atendimento socioeducativo no Brasil, compreendendo que, para garantir sua efetividade, é preciso não só acompanhar as mudanças da sociedade e da juventude, mas também manter a constante vigilância sobre os impactos da prática institucional quanto à execução das medidas socioeducativas. O aprofundamento dos debates envolvendo a redução da maioria penal, os altos índices de reincidência entre aqueles que passam pelo sistema socioeducativo e o visceral estigma dos adolescentes em conflito com lei, nos levam a refletir sobre o muito que ainda precisamos avançar.

Que esta publicação continue sendo meio de perceber o outro e a si mesmo, para pensarmos se aquilo que fazemos, de fato tem chegado de maneira positiva até esses e essas adolescentes, a suas famílias e à sociedade. Mas que seja, sobretudo, um espaço de conhecer a juventude em sua essência.

Antoine Lissorgues

Responsável de programas Terre des hommes para América Latina e Caribe

Anselmo Lima

Chefe Delegação de Terre des homes no Brasil



Prefácio

A presente publicação é um criativo trabalho da Terre des hommes, que nos traz uma visão que a quase totalidade do público em geral não está acostumada a ver e a sentir. “Vozes” parte da ótica do/a adolescente e não de algum especialista ou estudioso que avalia o universo da criminalidade juvenil e expõe determinada tese. Embora existam alguns comentários que destacam determinados aspectos da parte principal e motivadora da obra – fala dos jovens –, é o leitor quem tirará suas próprias conclusões, na medida em que vai “escutando” as vozes que saltam das páginas do livro.

À medida em que a leitura se desenvolve, percebe-se que a maior parte das ‘vozes’ converge para vários pontos. Isto não é uma mera coincidência. Há um motivo para tal: o destinatário da medida

socioeducativa, aquele que fala no presente livro, tem um perfil muito semelhante. A quase totalidade dos jovens em conflito com a lei conjuga os seguintes fatores determinantes na “moldura” de sua personalidade: 1) abandono familiar total (os chamados ‘meninos em situação de rua’) ou parcial (pessoas criadas por apenas um dos pais, ou por outro ente da família). 2) “Fragilidade dos Vínculos Familiares. Este item guarda ligação íntima com o primeiro, pois tal fragilidade e por vezes inexistência de vínculo familiar é uma das principais causas que acarretam o abandono das crianças e jovens. Os responsáveis pela criação dos jovens são, em grande parte, pelo que venho percebendo em minha prática, pessoas com graves problemas pessoais, que os impossibilitam de educar os filhos transmitindo e vivendo com eles valores morais e éticos. 3) condições de vida na linha ou abaixo da linha da miséria.

Somem-se a estas condicionantes pessoais, os seguintes vetores:

1) corrupção nos mais diversos setores do Estado; 2) deficiência de políticas públicas que possam suprir o abandono e/ou fragilidade dos vínculos familiares; 3) falta de um maior compromisso e envolvimento da sociedade na solução da problemática; 4) convivência cada vez mais próxima entre o ‘criminoso’ e as crianças e jovens e 5) aumento indiscriminado da venda e do consumo de drogas. A somatória deste complexo de fatores é a “fórmula” geradora das maioria das ‘vozes’ que ouviremos ao longo do presente livro.

Desta forma, em frases simples, sinceras e descuidadas, as ‘vozes’ vão revelando suas angústias, sofrimentos e carências. É a tradução literal das falhas da família, do Estado e da sociedade. E quando estes entes fracassam, surge a oportunidade para o criminoso, que aproveita este vácuo e conduz as crianças e jovens para a criminalidade. Quando este fenômeno ocorre e os adolescentes sucumbem ao apelo das drogas e do crime, o remédio legal previsto para a ‘cura’ do problema são as medidas socioeducativas. As ‘vozes’ ouvidas na presente obra cumprem, ou deveriam cumprir, referidas medidas.

Faz-se necessário pontuar que, em grande parte, infelizmente, as ‘vozes’ revelarão que a negligência familiar se estende no

acompanhamento das medidas socioeducativas. Igualmente, o Estado que já não foi capaz de suprir as carências familiares e sociais, de modo a evitar o ingresso do jovem no cometimento de ato infracional, se mostra novamente ineficaz, ao não ofertar qualidade, seja nas medidas em meio aberto ou fechado.

As medidas em meio aberto, previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente, são duas: Prestação de Serviços à Comunidade e Liberdade Assistida. Na primeira, como o próprio nome está a indicar, o indivíduo prestará um trabalho comunitário, isto é: cumprirá tarefas, de forma gratuita, em uma instituição pública ou sem fins lucrativos. Na segunda, considerada como mais gravosa, a lei prevê que o jovem e sua família deverão ser acompanhados de perto pelo Estado, o qual prestará políticas públicas de diversas naturezas (tratamento de saúde, inserção escolar, engajamento em projetos de esporte, lazer e cultura, regularização de documentos pessoais etc).

Embora algumas falas indiquem fatos positivos que alcançaram algum resultado e exerceram influência favorável em suas vidas, algumas das 'vozes' apontam para uma característica em comum: baixíssima atratividade das medidas em meio aberto. A medida não passa de um incômodo, algo 'chato' em que se vai para ouvir 'sermões' e não um processo de responsabilização ao mesmo tempo que de (re) integração social. O vazio de significado da Liberdade Assistida é traduzido pela frase: 'eu vou para assinar'. E, desta forma, não é preciso muito esforço para se chegar a conclusão de que há um alto índice de descumprimento das medidas em meio aberto.

O conjunto de fatores que levaram o jovem a cometer um ato infracional, aliado à ineficácia das medidas em meio aberto, acarreta uma consequência desastrosa para os donos das 'vozes': um mergulho mais profundo no mar da criminalidade e um passaporte para a medida mais dura prevista no ECA: a internação.

O sistema sócio-educativo em meio fechado, último e mais gravoso recurso para 'salvar' o jovem do ato infracional, está

enfrentando a mais grave crise de sua história no Estado do Ceará. A falta de investimentos por um longo período, somada a decisões governamentais equivocadas e a um incremento na criminalidade juvenil, culminou por ocasionar o colapso do sistema. Ao longo dos últimos anos, foram registradas inúmeras rebeliões e fugas nas unidades socioeducativas. Parte das 'vozes' denunciará maus tratos, tortura, ausência de atividades educacionais culturais, falta de higiene, de lazer e de esporte, condições insalubres dos dormitórios etc. O sistema socioeducativo, que outrora era distante e totalmente diferente do sistema prisional adulto, passou a guardar uma proximidade e semelhança muito grande com este último. Na quase totalidade dos Centros Educacionais, aquilo que deveria ser um local de ressocialização, ao contrário passou a um componente que tomou parcelas significativas de dignidade do indivíduo e, desta forma, o afastou ainda mais da cidadania e da sociedade, da qual fora excluído. Ao ler algumas 'vozes' que descrevem este universo agudo de crise, tem-se a sensação de ver alguém que se encontra numa areia movediça e, por mais que tente, não consegue sair daquela situação, pelo contrário cada vez que se mexe afunda ainda mais.

A espontaneidade e franqueza das 'vozes' transmite um cosmos desconhecido para muitos. Em determinadas ocasiões, a crueza das palavras transmite uma total inversão de valores de uma sociedade civilizada e trás a sensação de que aquelas pessoas, que vivem tão próximas de nós, habitam outro mundo. São falas que traduzem o abismo social que existe em nosso país. O contraste entre a riqueza abundante, supérflua e imoderada de uns poucos, com a miséria absoluta de muitos.

Neste ponto, esta publicação trás uma 'novidade' em relação às edições anteriores: a presença do crime organizado, que se aproveitou do vácuo estatal e invadiu as favelas de várias cidades do Brasil. As organizações criminosas são entidades que deram ao crime uma outra dimensão. Cada vez mais fortes e presentes, arrecadam bilhões reais por ano. Possuem um código de 'leis' próprios e submetem a comunidade a bárbaras penas, para o caso de descumprimento de

suas ordens. Em troca de obediência, oferecem ‘paz’ e ‘proteção’ aos membros da comunidade, além de ‘empregos’ em suas fileiras. Apesar dos riscos de tal atividade, muitos jovens, carecedores de um mínimo de perspectiva de sucesso social, sonham em integrar e, no futuro, exercer funções de comando nas organizações criminosas. É a forma mais completa de inversão de valores, na qual quanto mais ‘bandido’ se é, melhor será para o crescimento pessoal na hierarquia de tais entidades.

Apesar de tudo, em algumas ‘vozes’ é possível se ter esperança, enxergar uma ‘luz no fim do túnel’ e constatar que às vezes uma pequena iniciativa pode fazer a diferença, provocando uma mudança de rumo e levando a bons resultados, não somente para aqueles que cumprem as medidas socioeducativas, mas também para suas famílias e comunidades em que vivem.

Voices nos traz uma diferente experiência e perspectiva sobre o problema da violência juvenil. Por meio de uma linguagem simples, o leitor vai aos poucos tendo acesso a um universo complexo. Em alguns trechos, uma pausa se faz necessária. Ao final, o texto termina por nos levar a uma constatação de que as ‘vozes’ nada mais fazem do que clamar, no pouco da existência que vivenciaram, pelo muito que lhes foi negado ou tomado: amor, família, compreensão, paz, justiça, igualdade de oportunidades, reconhecimento, condições dignas, identidade de gênero, saúde, dignidade, felicidade.

Manuel Clístenes Façanha de Gonçalves

Juiz da 5ª Vara da Infância e Juventude da Comarca de Fortaleza/CE



Referencial conceitual e metodológico

O direito à participação infantojuvenil é garantido pela Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989) e corroborado pelos marcos legais nacionais. Entretanto, em nosso mundo adultocêntrico, ainda há muito o que avançar para que crianças e adolescentes sejam, verdadeiramente, percebidos como atores sociais capazes de modificar seu meio social. É essa realidade que o “Vozes: o que pensam os/as adolescentes sobre sistema socioeducativo, a prevenção ao ato infracional e sua responsabilização” quer mudar, criando (mais) um canal por meio do qual a voz dos adolescentes e das adolescentes possa ser

levada ao mundo e por este ser ouvida, colaborando para uma construção política, social e cultural eficaz e igualitária.

Buscando concretizar essa proposta, pensamos uma prática metodológica que, de fato, tornasse possível efetivar o direito à participação, embasada em um diálogo com valores compartilhados, como o respeito, o cuidado, a atenção, a humildade.

Para a construção desta metodologia, fincamos alicerces nos marcos legais que permeiam o tema, como, por exemplo, as prerrogativas estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90-ECA) e pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Lei 12.594/12-SINASE) sobre o direito de participação, de expressão de opiniões e de veiculação de palavras e imagens dos/das adolescentes. Nosso olhar cuidadoso também se direcionou aos adultos que colaboraram ou participaram da prática metodológica, orientando-os quando aos procedimentos de conduta elencados na Política Institucional de Terre des hommes¹ para prevenção e proteção dos/das adolescentes de qualquer situação de violência.

Nesta construção, também caminhamos a luz das premissas educativas da *Educação Popular*², de Paulo Freire, pautando nossa prática no princípio da dialogicidade. Ora, se o diálogo é o ponto de partida para a construção do Vozes, os princípios freirianos se adequam perfeitamente neste contexto.

Seguido essa lógica legal e pedagógica, metodologicamente a construção do Vozes se deu através dos seguintes procedimentos.

Para esta edição, focamos a construção do Vozes na cidade de Fortaleza-Ceará, inspirados pelo processo de elaboração e implementação do

1 Terre des hommes adota um conjunto de procedimentos que subsidiam a conduta de seus colaboradores e parceiros, no trabalho a ser desenvolvido junto a crianças e adolescentes. Tais procedimentos são organizados em uma política institucional de prevenção e proteção de crianças e adolescentes de qualquer situação de violência que venha a ocorrer no espaço institucional onde Tdh atua diretamente ou através de parceiros.

2 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Manual de Execução das Medidas Socioeducativas de Fortaleza, documento que padroniza fluxos para o atendimento socioeducativo em meio aberto naquele município.

Sua construção teve início em 2015 através da formação de um Grupo de Trabalho composto, além de Terre des hommes, por atores estratégicos na execução desta política: Tribunal de Justiça do Ceará, através da 5ª Vara da Infância e Juventude; Ministério Público do Estado do Ceará, através da 6ª Promotoria da Infância e Juventude; Defensoria Pública Geral do Ceará, através do Núcleo de Atendimento aos Jovens e Adolescentes em Conflito com a Lei - NUAJA; Secretaria Municipal de Trabalho, Defesa Social e Combate à Fome - SETRA, através de sua Célula de Proteção Social Especial e dos Centros de Referência Especializados da Assistência Social - CREAS. Hoje, este documento é marco orientador não só para os profissionais que executam as medidas socioeducativas em meio aberto nos CREAS, mas para toda rede de atendimento. Por esta razão, o processo de escuta dos adolescentes, ora sistematizado e publicado, foi norteador pelas as reflexões e proposições construídas nesse manual.³

Inicialmente, buscamos estabelecer articulação com os parceiros institucionais que atuam no âmbito do sistema de justiça juvenil e da rede socioassistencial naquele município. Com as instituições mobilizadas foram firmados Termos de Cooperação entre estas e Tdh, através do qual se autorizou de forma espontânea e voluntária a participação dos/das adolescentes com os quais realizavam seus atendimentos.

Vários parceiros institucionais colaboraram. A União Europeia por seu apoio para que a realização de um trabalho de prevenção e construção de mudanças positivas sobre o fenômeno da violência e suas multifacetadas, efetivamente fosse respaldado e construído com os/as adolescentes. A SETRA e todos os profissionais dos CREAS de Fortaleza garantiram a escuta dos/das adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto (Liberdade Assistida e Prestação de

3 Para ter acesso ao Manual entre no site de Terre des hommes no Brasil através do link dhbrasil.org/biblioteca/424-manual-de-execucao-das-medidas-socioeducativas-de-fortaleza

Serviços à Comunidade). Alcançamos, também, adolescentes e jovens em cumprimento de medida de privação de liberdade (Internação e Semiliberdade), sendo imprescindível, para tanto, o apoio e a acolhida ofertados pela Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social – STDS e por todos aqueles que compõem as Unidades Socioeducativas visitadas.

Outros parceiros abriram gentilmente seus espaços para que alcançássemos diferentes perspectivas, a exemplo da 5ª Vara da Infância e Juventude de Fortaleza, que tornou possível a escuta de adolescentes e jovens após suas audiências de liberação. Para tanto, contamos, também, com o suporte dos NUAJA, acolhendoss-nos, gentilmente, em seu espaço. Chegamos, ainda, aos adolescentes e jovens que dão vida aos corredores e galerias do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte - CUCA e vivenciam “na pele” a realidade pulsante e, muitas vezes, difícil de suas comunidades. Os braços e portas abertas destas instituições fortaleceram nossa atuação, além de proporcionarem segurança e conforto para que esse trabalho se tornasse possível.

Após esse primeiro momento, cada instituição iniciou a escolha e articulação de adolescentes e jovens, de ambos os sexos, em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto e fechado. Concedeu-se prioridade àqueles que já estavam finalizando o cumprimento de suas medidas, já que um dos objetivos era conhecer o impacto da experiência socioeducativa em suas vidas. Tratando especificamente dos adolescentes e jovens que participaram das escutas no CUCA Jangurrussu, nenhum deles estava inserido no sistema socioeducativo, mas eram egressos, tinham vivência com o cometimento de atos infracionais ou vivenciavam como expectadores de sua comunidade o envolvimento da juventude com a criminalidade.

Com a mobilização dos adolescentes, iniciamos a fase de aplicação da prática metodológica, baseada em escutas concretizadas prioritariamente mediante uma configuração circular, permitindo a troca de experiências e de diferentes pontos de vista sobre os temas abordados, que funcionam como geradores dos diálogos estabelecidos.

Durante todo o processo de construção do Vozes, cuidamos para que os/as adolescentes e jovens se sentissem seguros e confortáveis para se expressar de maneira sincera. Uma das estratégias para assegurar a garantia desse espaço seguro foi a adoção do princípio da voluntariedade, coerente quando se fala do direito à participação. Por esta razão, antes de iniciarmos as escutas, os facilitadores foram orientados a explicar o objetivo daquele momento e convidá-los a participar. Aconteceu de alguns adolescentes não aceitarem participar do processo de escuta, por não ter interesse, não se sentir confortável em se expressar na frente de outras pessoas ou outras razões. Nesses casos, buscou-se entender as causas que ensejavam a não aceitação e ofertar a possibilidade de escuta individualizada. Aos/as adolescentes foram mostrados publicações anteriores do Vozes com fins de que entendessem o processo e o resultado das escutas através da publicação.

Aqueles que concordaram em participar das escutas, eles e seus responsáveis assinaram um termo de participação, no qual se descreveu como a escuta se daria, assim como que a participação era voluntária e que se em algum momento quisessem desistir nenhum prejuízo lhes seria causado. Como meio de garantir o respeito ao sigilo sobre sua condição de socioeducando, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069/90), todos os nomes constantes neste livro são fictícios criados pelos próprios adolescentes.

Ainda que haja sigilo quanto a sua identidade, as idades indicadas nas falas são verdadeiras, objetivando tornar possível ao leitor compreender o contexto de vida dos adolescentes e jovens participantes.

Nessa busca por compreender o real contexto de vida, percebemos que muitos dos/das adolescentes e jovens ouvidos vivem questões familiares e sociais comuns, gerando, por isso, respostas que se assemelham. Considerando não só esta proximidade de vivências compartilhadas, mas também a impossibilidade de apresentar neste livro todas as falas colhidas (os vinte encontros realizados renderam cerca de 18 horas de áudio e 292 páginas transcritas), optamos por selecionar falas que representassem com maior completude aquilo que nos foi compartilhado por todos os/as participantes.

Vale ressaltar aqui o trabalho feito na preparação dos facilitadores. Estes foram previamente orientados quanto a sua atuação no momento da escuta, que deveria ser conduzida de maneira a garantir a imparcialidade sobre as falas dos/das adolescentes e primar pela proteção deles. Sobre este último ponto, se durante a escuta algum relato de violação ou violência contra os/as adolescentes fosse suspeito ou confirmado, seriam tomadas as medidas cabíveis de acordo com o procedimentos de proteção de Tdh e de cada instituição parceira.

Sendo assim, realizamos a escuta de 105 adolescentes e jovens, sendo 104 cisgênero (65 meninos, 39 meninas) e um transgênero⁴, na faixa etária entre 13 e 23 anos, majoritariamente em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade e de meio aberto ou egressos do sistema socioeducativo.

Durante as rodas de conversa buscamos abordar os seguintes temas, tendo como gerador algumas perguntas norteadoras:

Convivência familiar e comunitária

- **Quem é sua família?**
- **Quem de sua família te acompanha na execução da MSE?**
- **Recebe apoio de sua família ou não?**
- **Você tem filhos? Como se relaciona com eles? Quem cuida deles? Do que aconteceu com você, o que você tem como aprendizagem para ensinar ao seu filho/a?**
- **Que tipo de atividades você realiza na sua comunidade?**
- **As pessoas de sua vizinhança sabem que você está cumprindo MSE? Sofre algum preconceito?**
- **Você acha que seus amigos ou alguém da comunidade pode te ajudar a não cometer ato infracional? Como?**

4 Sobre sexo, orientação sexual e identidade de gênero (cisgênero e transgênero), consultar JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos Jesus. Brasília, 2012. (publicação on line) Para esta publicação, as definições de cisgênero (menino ou menina) e transgênero dos participantes das escutas são indicadas com base nas declarações dos/das adolescentes quanto à maneira como se percebem.

Educação (referente à escola)

- Gosta da escola? Por que?
- Como é sua participação na escola? O que você aprende?
- Como se relaciona com professores e diretores? Tem amigos?
- Sofre algum preconceito?
- Alguém da escola sabe que você está cumprindo MSE?
- Como a escola pode ajudar os/as adolescentes que estão cumprindo MSE?
- Você acha que vai concluir os estudos?

Gênero e Sexualidade

- Como é para você ser homem/menino ou mulher/menina? Você se considera como menino/homem ou menina/mulher?
- Já sofreu algum tipo de preconceito por ser homem/mulher (ou de afirmar-se assim?).
- Já sofreu algum tipo de violência por ser homem, mulher e por sua preferência sexual?
- Há diferença no tratamento que se dá aos meninos ou meninas? E para aqueles que se afirmam homossexuais?
- Você acha que os profissionais das MSE sabem lidar com os/as adolescentes?
- Você acha que tem diferenças entre um adolescente do sexo masculino que cometeu um ato infracional e um adolescente do sexo feminino?
- O que leva as adolescentes cometerem ato infracional?
- O que leva os adolescentes a cometerem ato infracional?
- O que precisa ser feito para que as adolescentes não se envolvam em ato infracional? E os adolescentes?
- Você recebe algum tipo de orientação sexual?
- Já recebeu alguma orientação de profissional sobre a adolescência, sexualidade e prevenção de DST's/AIDS?

Prevenção ao ato infracional

- **É possível prevenir ou evitar que se cometa ato infracional?**
- **O que leva um adolescente a cometer um ato infracional?**
- **O que é preciso ser feito para que um adolescente não cometa ato infracional?**
- **O que você pode fazer para não cometer outro ato infracional?**
- **Quem poderia te ajudar a não cometer atos infracionais?**

Execução das MSE de meio aberto

- **Você sabe qual MSE está cumprindo? Para que serve esta medida?**
- **Que tipo de atividades você realiza no cumprimento desta MSE?**
- **A MSE está te ajudando a repensar sobre o ato infracional cometido? Como?**
- **Qual a função dos profissionais que te acompanham na execução da MSE? E como estão te ajudando?**
- **Você sabe o que é um plano de atendimento individual e para que serve?**
- **Você acha que se a pessoa que sofreu o ato que você cometeu soubesse do que aconteceu com você, o que ela pensaria?**
- **Há alguma mudança positiva na tua vida com o cumprimento da MSE?**
- **Em casos de relato de ato infracional correlacionado à drogadição:**
- **Que tratamento recebe?**
- **Como a MSE está te ajudando a não se envolver com as drogas?**

Futuro

- **Você tem algum sonho? Qual?**
- **O que precisaria para realizar seu sonho?**

- **Que habilidades você tem que podem te ajudar a realizar seus sonhos? (ou que você sabe fazer, ou que características você tem) que podem te ajudar a realizar seus sonhos?**
- **Hoje quais são as oportunidades (pessoas, lugares, atividades) que podem te ajudar a realizar seus sonhos?**
- **Quando você escuta esta frase MEU FUTURO É... Como você a completaria?**

Apesar da existência de um roteiro com os temas geradores, os/as adolescentes tiveram a liberdade de expressar como e sobre o que queriam. As respostas – tão diversas quanto os meninos e meninas que cumprem medidas socioeducativas no Ceará – vão do estarrecido ao encantador, do choque, à esperança.

As provocações suscitadas pelas falas apresentadas neste *Vozes* nos levam a reflexões sobre os avanços e as fragilidades que permeiam o olhar dirigido à adolescência e à maneira como vem sendo construído o atendimento socioeducativo. São questões de absoluta importância por envolverem temáticas como a violência juvenil, o direito à educação e as razões dos altos índices de evasão escolar entre os adolescentes, as perspectivas de futuro e as dificuldades para mudar o fluxo de violência em suas vidas.

Porém, entre todas as questões exploradas, as constatações que envolvem a violência e o assassinato de adolescentes e jovens das comunidades de Fortaleza são extremamente preocupantes. E a desesperança que por vezes permeia a juventude de que a mudança positiva é inacessível. Sofremos isto junto com um dos adolescentes que teve seu primo, também participante do *Vozes*, assassinado, precisando junto com ele construir estratégias de superação para não banalizar a violência, para seguir na medida socioeducativa que necessitava cumprir, para apoiá-lo a suportar e ultrapassar o medo, e acreditar.

Outro aspecto que queremos destacar nesta edição diz respeito à identidade de gênero e sexualidade que tomam nosso olhar nesse momento, pois, além de serem construções sociohistóricas arraigadas

no modo de pensar e agir da sociedade em que vivemos, surgem como obstáculos quase intransponíveis para o avanço das discussões que envolvem o tema. Pouco compreendido e explorado na socioeducação, explica-se também com isso a dificuldade de intervenção assertiva junto aos/as adolescentes.

Embora o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE, em seu artigo 35, traga o respeito à identidade de gênero e orientação sexual como princípio norteador, propondo possibilidades emancipatórias neste prisma, as discussões acerca desses aspectos e o combate a situações de discriminação ainda encontram barreiras em nossa cultura, já que esta continua tomada por percepções repressivas.

As falas dos/das adolescentes sobre aspectos envolvendo a definição de papéis entre homem e mulher (tendo a figura feminina como objeto de forte preconceito e discriminação), gravidez na adolescência, transexualidade, atos de violência e discriminação social e institucional, em decorrência da orientação sexual e a carência de diálogo sobre a temática nos espaços onde esses e essas adolescentes passam as diversas etapas de sua vida, (família, comunidade, escola, socioeducação), nos mostram que a cultura de liberdade de gênero ainda precisa ser trabalhada.

Somos levados a refletir que, para diminuir as violações de direitos nos espaços institucionais e afirmar o direito à expressão e à identidade, se faz necessário ações positivas relacionadas ao reconhecimento dos direitos sexuais dos adolescentes e considerar a existência da diversidade sexual e de gênero nessa fase da vida. É importante levarmos para debate questões como: o respeito ao nome social, o uso do alojamento de acordo com a identidade de gênero do/a adolescente, o acesso à visita afetiva, etc.

Precisamos privilegiar medidas que promovam a igualdade de gênero, garantindo espaços seguros nos quais essas diferenças não se desdobrem em desigualdades, violências e marginalizações.⁵ Assim, oportunizaremos

5 ACSUR-Las Segocias.Cuestiones esenciales sobre género.01.Conceptos básicos. Edición y adaptación, Madrid, 2006.

os/as adolescentes espaços nos quais sejam livres para falar, de forma crítica, sobre sua sexualidade, suas demandas e seus direitos, sem que sejam reprimidos e censurados constantemente, mas que sejam orientados. Da mesma maneira, proporcionaremos a todos e todas que atuam nas instituições socioeducativas o repensar de suas concepções sobre gênero e a participação na construção de espaços emancipatórios e igualitários.

Após todo esse longo processo de construção, que totalizou quinze meses, fica a provocação feita pelo jovem DuRap:

E quem garante que vocês vão voltar daqui uma semana? Quem garante que vocês vão criar uma rotina aqui pra realmente sentir na pele o que a gente vive? Quem garante que vocês vão voltar e vão mudar alguma coisa no juiz, que vai mudar alguma coisa de outra galera de outra periferia? Quem garante que isso aqui não é só mais um trabalho de monografia, de doutorado, de pós graduação?

Movidos pela necessidade de mostrar pras esses/essas adolescentes e jovens que o compartilhar de suas vidas não foi em vão, planejamos para a pós-publicação um momento de encontro e devolutiva com todos/as os/as participantes das escutas. Retomaremos os contatos institucionais para viabilizar um novo encontro com os/as adolescentes, para que recebam o exemplar do livro e fiquem a par dos caminhos que serão abertos através das suas histórias.

Mobilizados pelo que nos foi compartilhado por esses meninos e meninas, esperamos que, como as demais edições do Vozes, esta publicação possa ajudar a ampliar os horizontes, não só daqueles que trabalham diretamente com os adolescentes em conflito com a lei – seja no Sistema de Justiça ou na rede socioassistencial –, mas também de suas família e comunidades.

Mais que tudo, desejamos que essa publicação possa ser uma ferramenta no sentido de reconhecer e fortalecer as vozes das crianças e adolescentes no Brasil, contribuindo com a construção de um mundo que melhor os e as compreenda, respeite e escute.

Voices

"Nunca desistir e sempre seguir em frente. Tá certo que lá fora vai ter outras pessoas que podem desacreditar de nós, mas nós pode sair daqui e fazer alguma coisa diferente. É pru nosso país"

Frajola



1. Vozes sobre convivência familiar e comunitária





Art. 19: É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral.

(Lei 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente)



1.1 Vozes sobre convivência familiar

Objetivo 2.4: Garantir o acompanhamento familiar dos adolescentes em cumprimento de MSE pelas equipes técnicas do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivpiduis - PAEFI (CREAS) quando for identificada situação de violação de direitos e Serviço de Proteção e Atendimento Integral a Família - PAIF (CRAS) nas situações de vulnerabilidade social.

Ação: Capacitação das equipes do atendimento socioeducativo em técnicas positivas de resolução de conflitos, com foco nos conflitos familiares.

(Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo em Meio Aberto de Fortaleza)

"Eu fico com raiva de mim...fico pensando que minha filha tá aprendendo um bocado de coisa e eu aqui, sem saber. Eu não ensinei minha filha a fazer isso, não ensinei minha filha a fazer aquilo. Isso pesa na consciência. Nunca vou deixar ela se drogar, se envolver com coisa errada. Minha filha passar pelo que eu passo... tu é doido! Ela tá com a minha mãe porque o pai dela tá cumprindo medida igual a eu, né?"

Amanda, 17 anos

"Em fevereiro eu perdi meu irmão, depois disso eu me senti muito ruim...tá preso e com uma notícia dessa! Uma pessoa que assim...se eu tivesse precisado de pagar uma dívida, ele pagava, e nos dois era unido só andava junto, crescemos juntos trabalhamos juntos. Na hora que eu soube, eu pensei em vingança, mas depois vinheram as pessoas falar pra mim que vingança não tem futuro, que não vai trazer de volta. Aí eu mudei de bairro mesmo pra não se bater com as pessoas que falavam que não gostavam da gente"

Feijão, 18 anos

"É tem uma tia minha que num quer eu dentro da casa. Eu num moro mais no meu pai não, eu moro com meu avo e todo dia ele da conselho pra mim"

Lorim, 16 anos

"Era pra eu ter tido a minha mãe, que eu nunca tive. Só tive a minha vó. A gente cresce meio assim revoltada, sabe?"

Maila, 15 anos

"Eu fiz isso tipo pra chamar atenção da minha família pra mim mesma, porque minha família tava virando as costas pra mim e eu não via que era isso que tava destruindo, isso que tava afastando mais ainda minha família. E eu disse a ela que se a minha mãe não parasse pra conversar, pra me dar atenção, pra me dar um abraço ou um beijo...isso maltrata muito. Foi na segunda vez que eu caí, eu disse 'mãe, eu não agüento mais, eu num agüento mais fica longe de você, longe da tua conversa, dos teus carinhos'. Ela disse que ia mudar. (...). Hoje em dia minha mãe me dá atenção, tá do meu lado pra tudo, ela diz 'ela é minha filha e não vou deixar ela de lado, eu não vou desistir dela'"

Moreninha, 17 anos

"Tia aqui você aprende o que é saudade, por que lá fora você fala assim Ah to com saudade de fulano, mas eu não sabia o que era a saudade e aqui eu sei, antes eu achava eu ia senti saudade de namorado, de amiga mas não eu só sinto saudade da minha mãe, só da minha mãe (...) Quem muda a gente é a gente mesmo, mas a família pode dar orientação"

Luana, 17 anos

"Eu me envolvi na vida do crime porque quando eu era mais pequena meu pai sempre batia na minha mãe, deixava olho dela roxo. Por isso eu não gostava do meu pai, ia pra cima dele. Tinha 7, 8 anos. Nenhuma filha gosta de vê a mãe apanhando"

Adriana, 16 anos

"Família é amor, carinho"

Emily, 17 anos



"eu amo minha mãe, ela é tudo na minha vida. Por que ela sempre me deu alguns conselhos, e só que eu não segui alguns conselhos dela. Assim, ela dizia que meu pai era errado, e ela dizia que eu nunca me envolvesse com pessoa errado, que eu aprendesse com a vida, por que ela tinha aprendido muita coisa"

Vevé, 17 anos

"maior alegria da minha vida hoje é minha mãe, na verdade, minha tia. Foi ela que me criou"

Suel, 14 anos

"Pensar que a nossa mãe tá sofrendo é péssimo, né? A gente tá fazendo com nossa mãe, a gente vai pagar lá na frente e com o prego dobrado. e o cara mudar e fazer ela sorrir, você vai sorrir também mais e mais lá na frente. E ainda mais pessoa que mora com a avó, que já é acostumado, aí que é cruel mesmo. Ela tá ficando idosa... pensa 'vish, doido, se ela morrer?'"

Chico, 17 anos

"A família fica mal vista por causa do filho, né? O pessoal tudo fica acusando a família, dizendo que é a culpada. É ruim, né? Ficam falando que a mãe é a culpada."

Bob, 16 anos

"Eu tenho um filho, e eu nunca conseguir passar amor pra ele, aí é ruim pra gente a gente não ve ele, a mãe dele não deixa a gente se aproximar do menino. Aí a gente tem um amor e não pode dar, num é? Eu vejo meu menino um domingo sim, dois meses não, é muito difícil vê ele. E se a gente for pra justiça, quem tá errado é a gente, aí fica ruim. Eu quero que daqui pra frente ele cresça o mais rápido possível e me entenda e entenda a mãe dele também, né? E conviva mais lá em casa e seja mais apegado a mim"

Ceará, 18 anos



"Tô aprendendo agora o que é família com esse daqui na minha barriga, porque eu não sabia, não."

Eliane, 16 anos

"Família é quem cria e dar educação. Minha família é minha avó, minha mãe, meu padrasto, meu irmão e minha irmã e meus tios. Eles não me deixavam faltar a medida. Às vezes minha mãe me levava."

Ian, 16 anos

"Às vezes olham pras mães deles falam assim 'olha aí, indo visitar a cruz dela'. É horrível, é uma humilhação."

Frajola, 18 anos

"Quem me acompanha aqui é meu pai, é triste quando ele vem me visitar. Meu pai perguntava pra onde eu ia, ele sabia que eu roubava que eu usava droga. Quando eu cheguei aqui, vi que eu tava errado, né? Ontem eu tava pensando isso porque ele veio me visitar, não falta nunca. Nossa amizade mudou, graças a Deus mudou. Eu comecei a respeitar ele"

Russas, 16 anos

"Minha relação com meu pai não é muito boa. Porque ele queria que eu ficasse dentro de casa e eu não gostava não. Mas ele queria só o melhor pra mim, né? Fazia de tudo pra eu estudar e não trabalhar. Lá de casa só ele que vem me visitar Só meu pai me dá apoio aqui. Eu queria dizer 'obrigada por me ajudar e por perder tempo comigo'. Pra o meu filho quero ensinar um bocado de coisa que eu desperdicei, escola, faculdade e um bocado de coisa"

Tianguá 14, 16 anos

"Minha vó, minha mãe, meus irmãos. Ninguém veio me visitar ainda"

Siqueira, 15 anos

"É muita injustiça isso. Não deixaram nem minha mãe entrar pra eu dá um abraço nela, nem vê ela. Deixaram meu pai entrar, mas mandaram ele logo sair assim que terminou a apresentação lá do fórum. Eu fiquei magoada com isso"

Cynthia, 15 anos

"Ninguém vem me visitar, ninguém. Eu só faço ligação. Já tem seis meses, nem sei por quê. Minha tia deve tá mal porque eu to aqui de novo"

Suel, 14 anos

"Na minha família faltou mais respeito, faltou um monte de coisa"

Sol, 15 anos

"Eu tava com eles, minha família. Aí ele... 'num quero você mais aqui não, num falei pra você se eu pegasse você usando droga num queria você La em casa?!'. Aí minha mãe foi pra São Paulo e eu fiquei morando sozinho"

Pirulito, 18 anos

"Família é um sinal e um gesto de amor, do cuidado e do carinho de uma pessoa pra outra. Eu tenho minha mulher mais num sei se é né por que eu num moro nem com ela. Tem que ter alguém lá fora, porque muda muito, faz diferença e muda a pessoa"

Montese, 16 anos



1.2 Vozes sobre convivência comunitária

Objetivo 5.1: Promover e executar, com qualidade, Políticas Públicas que propiciem o acesso dos adolescentes a atividades lúdicas, culturais, esportivas e de lazer como instrumento de inclusão social, assegurando que os espaços físicos e as atividades esportivas de lazer e culturais sejam utilizadas pelos adolescentes.

Ações: Ampliar vagas nas instituições públicas, para atendimento de demandas em programas esportes, cultura e lazer favorecendo à qualificação artística, e/ou desportiva, respeitando o interesse e aptidão do adolescente que cumprem medida socioeducativa em meio aberto; (...)

(...) Garantir vagas para adolescentes em cumprimentos de medidas em socioeducativas em projetos culturais e desportivos;

Criar programa de incentivo à prática continuada de esporte e cultura, nos moldes dos programas bolsa esporte/atleta e bolsa agente cultural;

Revitalizar e garantir a programação proporcionando áreas de lazer dos bairros do município de Fortaleza.

(Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo em Meio Aberto de Fortaleza)

"Antigamente tinha muita guerra na comunidade, muito conflito, muita gente inocente morrendo, briga e confusão por causa de besteira, de um canto por outro. E agora essa paz que tá gerando"

Diana, 17 anos

"No dia de hoje, né...pelo jeito de se vestir, aí tem preconceito. Pensa que a gente é vagabundo"

João, 16 anos



"Por que eles viram que tava morrendo muita gente inocente que não tinha nada haver e até mesmo pessoas que eles gostavam que morriam. Aí eles meio que se sentiram culpado disso e fizeram a paz. Agora tá melhor, agora nos tá podendo andar nos cantos que não podia, nós pode andar. Ah...e também num pode mais matar gente"

Tatiana, 15 anos

"O comando tá unindo as comunidades, né? Antes o governo num tem como diminuir os homicídios, né? E num tem como fazer as comunidade ser feliz, né?"

Chico, 17 anos

"Porque a paz que tá gerando agora. Não pode mais matar, não pode guerra contra bandido, só contra a policia. Agora porque eles querem que o movimento cresça pro lado deles. Quem manda na paz é o chefe, né? O chefe da facção, e isso vale pro Brasil todo e tá chegando em fortaleza"

Malvado, 16 anos

"Na comunidade, eu num saio nem de casa"

Mainha, 16 anos



"Porque na favela é muito difícil ter a paz, porque a violência hoje em dia tá levando a muita coisa ruim, a muita droga, muita criança morta, muito adolescente morto"

Alequina, 16 anos

"Eu lá queria essa historia de ir voltar pra favela. Eu ia era pra beira mar"

Lane, 17 anos

"Na minha comunidade tem muito lugar pra praticar esporte. Antes de ser preso eu tava jogando no time do meu tio, que até mataram ele...aí eu jogava no time dele"

Dam Dam, 17 anos

"Eu tava passando, aí as pessoas se esconderam"

Pato, 17 anos

"Quando eu tô na rua assim, eu vejo muito senhor e senhora...eu procuro ajudar, é um ato de carinhosidade pelo próximo, tá entendendo? E o outro que tá vendo



vai pensa que aquele menino ali é bom moço, ele tem bom coração, tá ajudando porque foi ajudado. Então bora ajudar todo mundo junto, tá entendendo? Quando um cara faz um ato de carinhosidade, aquilo no futuro volta pra gente, tá entendendo?"

Filho, 17 anos

"Eu pratico futebol, porque eu ia jogar e é legal. Eu faço lá no CUCA da Barra, só é chei de pedra, mas dá pra tirar de tênis. Lá na comunidade só o que tem é campo e quadra. É importante, pra ocupar mais a mente e tirar mais a pessoa do meio da rua. Na rua tem muita droga e só tem o que não presta. Minha comunidade é meia tensa, mas dá pra viver"

Bruno, 16 anos

"Na paz rola altos bailes, nós e eles pode andar lá e cá. Os rivais, que são intrigados com nós, e quando tem essa paz aí nos pode andar lá sem matar, nós pode andar aqui sem matar. Por causa da intriga, da desunião mesmo, num tem um motivo era chegava lá e meter bala mesmo. Ah revoltante."

Leandro, 17 anos



"A população fica apavorada, né? Com bala perdida, essas coisa. A população já não fica em frente de casa porque a qualquer momento pode rola bala, já num sai mais de dentro de casa com medo"

Marcelo, 16 anos

"A justiça é pior do que um traficante e um ladrão, por que eles tão roubando a gente. Quando a gente adocece, vai pro posto a gente é jogado como um cachorro no chão, fica deitado não tem cama, não tem nada"

Fernanda, 17 anos

"Massa é jogar bola. Aqui na comunidade tem espaço pra jogar, os home bota a gente pra correr. Eles deviam fazer as coisa direito, chegar direitinho e conversar. Era pra eles chegar e conversar, num ficar humilhando as mães dos malandro, chega e bota mó queixo...aí desse jeito tem condição não. Esculhamba, chega xingando"

Já Morreu, 15 anos



"Por que nós num tem dinheiro, nós mora na favela e eles moram nos prédio lá tudo chique. E, assim... eu penso assim, esse pessoal aí num vê a gente como pessoa normal não, vê tudo como traficante"

Jocs, 23 anos

"Tô preocupado com a galera daqui da favela, os playboy tem os direito garantido, já tem uma escola de qualidade, eles pode sonhar com uma faculdade de direito, com uma faculdade de medicina. E nos aqui? Nossa perspectiva aqui é nós tem que lutar, né? Pra vê se nós passa dos 16, pra vê se nós passa dos 18, né? Maioria não passa"

Du Rap, 22 anos

"Num passava dos 12, 13. Agora que tão passando mais porque quando o bandido num mata, é a policia"

CV, 21 anos



2. Vozes sobre educação





Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria (...);

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;

VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

(...) Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.

(
Lei 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente)

"É pra ter a informação, acesso ao conhecimento. Porque a gente não tem a cultura da leitura nem a informação. O modelo que a gente tem na escola aqui é cala a boca, abre o caderno, pega a caneta e escreve. O formato lá de aula não representa a gente, se liga? É um formato que trata a gente como um robô, um mecânico tanto faz a gente aprender ou não. Não tem interesse de saber. Será que esse menino vai passar mesmo? Qual será o sonho dele? Será que esse menino quer ingressar na faculdade?"

Du Rap, 22 anos



"Voltar a estudar agora tá sendo estranho, porque eu não tava mais sabendo de nada mesmo"

Maila, 15 anos

"Não tava estudando. Parei na oitava, porque eu não tinha mais vontade de estudar depois que eu comecei a me envolver na droga. A escola nunca foi interessante, porque toda vida que eu chegava na escola eu ficava era com vontade de dormir. A aula era chata, num gostava, não. O que eu não gostava mesmo era dos professores e de ir pra escola, só que eu sei que é importante"

Cristal, 14 anos

"Pra mim, na escola não falta nada, não. É por que se você tá envolvida...pronto,eu! Eu usava era droga na escola, fumava maconha na quadra, ia pra aula e ficava lá só sentada"

Flor, 17 anos

"Nenhum dos professor respeitam a gente, não tem nenhum tipo de educação. A escola sabe que eu to cumprindo medida porque eu não tenho vergonha de dizer. E lá é tranquilo, a mulher foi lá e o diretor disse pra ela que eu era uma menina muito boa e educada. Me senti bem quando soube"

Pool, 17 anos

"É preciso ter mais educação, né? Porque como ta ai hoje em dia...porque tem escola que é mó paia, mas tem escola que é massa. Mas é assim...tem que ter mais respeito, atenção, porque se não for desse jeito, tem como não"

Dam Dam, 17 anos

"É tira o vazio que a gente tem né, a gente estuda mas é o dia todinho desocupado, eu estudo a noite ai eu fico o dia todinho desocupado né, eu vou so comer e

dormir faz é mal pra minha saúde, eu tenho que buscar algo que me traga felicidade né, ocupação né no dia a dia, eu to correndo atrás do emprego, do curso tem em todo canto, eu fui pra altas entrevistas ai mas o povo ta nem ai"

Filho, 17 anos

"Eu queria fazer um curso de informática pra trabalhar com isso, entendeu? Não fiz ainda, mas eu penso em fazer um curso profissionalizante"

Sousa, 17 anos

"O estudo pode dar Um trabalho digno, um trabalho que a pessoa ganhe dinheiro com seu próprio suor"

Ronaldo, 18 anos



"Vou mentir não, já perdi o interesse faz tempo. Desde o pincel até a cadeira da sala, gosto não. Pra mim é tudo que eu não gosto"

Malvado, 16 anos

"Lá na escola é cinco PSC (Prestação de Serviço a Comunidade). Mas tinha quatro amigos meus que não conseguiram entrar só porque tavam no PSC"

Chico, 17 anos

"Eu quero é arrumar um emprego, porque esse negocio de estudar eu não sei fazer não"

Vanderson, 17 anos

"Tô fazendo um curso no bombeiro, um curso só a massa ali. Me mandaram fazer o curso e tá dando certo. Ta me ajudando porque lá eu to vendo que é o certo, não to vendo coisa errada. E lá eu to sossegado, Lá não faço nada de errado"

Polegar, 16 anos

"O colégio é importante pra ser alguém na vida, trabalhar, é pra essas coisas. Tô estudando, é bom. Faço os deveres, os trabalho da escola, me sinto respeitado lá. Gosto porque tem pessoas legais lá, as pessoas são respeitador comigo. Acho importante respeitar os outros. Tá lá é pra aprender, né? Se errou, tenta de novo até conseguir"

João, 16 anos

"O estudo podia ter me ajudado a não me envolver. Eu só parei porque eu fui preso, mas eu vou continuar aqui de novo"

Gustavo, 13 anos

"Na minha escola não sabem que eu to cumprindo medida"

Ian, 16 anos

"Eu já ouvi na escola 'ah o filho do ladrão, e num sei o que'"

Lorim, 16 anos

"Vou falar de uma coisa boa que é os estudo. Quando eu sair daqui eu vou terminar meus estudos, porque terminado os estudos dá pra fazer faculdade e depois dá pra ter um bom emprego. Estudei até o oitavo. Larguei Por causa de namorada mesmo e confusão no colégio."

Chinês, 16 anos

"Eu aprendo matemática, inglês. A professora de inglês ficava tirando brincadeira com a gente. Eu tava estudando Lá no Centro, mas não era muito bom porque a professora tinha era medo da gente. As professoras e os orientadores ficavam com os portões tudo trancado, nem explicava."

Feijão, 18 anos

"Nós precisa estudar pra mudar de vida. Antes de cair eu não tava estudando, não. Parei na quarta porque eu se envolvi no mundo do crime e deixei"

Siqueira, 15 anos

"Na minha escola sabe que eu to na PSC, e todo mundo me trata bem, ate apóia"

Ceará, 18 anos

"Estudei até o sexto ano e eu sair por causa que eu fui preso um monte de vez. Gostava da escola, comida era boa, eu tinha amigo lá"

Marechal, 16 anos



"Sei não, sei se sabe não, só sei que quando chego La o pessoal num fala nada não, fico na minha mesmo, quem conversa mais com nos é os professor mesmo e nos mesmo que vai"

Pirulito, 18 anos

"Quando sair daqui quero voltar a estudar. Ainda não voltei, mas vou começar. parei no primeiro ano do ensino médio, Por que eu comecei a fazer coisa errada. Gostava de estudar, muito, muito não, mas gostava. Tinha professor que eu num gostava, eu num ia pra aula dele, eu ia quando eu queria também. Pretendo voltar a estudar, Pra uma mudança de vida"

Daniel, 17 anos

3. Vozes sobre gênero e sexualidade





Art. 35 - A execução das medidas socioeducativas reger-se-á pelos seguintes princípios:

(...)

VIII - não discriminação do adolescente, notadamente em razão de etnia, gênero, nacionalidade, classe social, orientação religiosa, política ou sexual, ou associação ou pertencimento a qualquer minoria ou status.

(Lei nº 12.594 – SINASE)

"Aqui no Centro Um namoro aqui é assim só conversando, ai fica dando uns beijos às escondidas né"

Sol, 15 anos

"Diferença assim, né... é porque pru menino é mais fácil as coisas"

Amanda M, 15 anos

"Assim...no mundo tá acontecendo muitas crianças, de menor, que já praticamente tão grávida, né? Não sei por quê não se previne, algumas não tomam anticoncepcional, não usam camisinha. Eu sei que as vezes acontece por acontecer, mas, assim...cada coisa tem sua idade, cada coisa tem seu tempo. Então, assim...criança é criança, tem seu tempo, tem que curtir a vida, tem que aproveitar e isso aqui é mais lá pra frente, onde já tem juízo, tem mais cabeça"

Branquinha, 15 anos

"Se uma mulher chegar aqui e disser que tá afim eu não dispenso não"

Papoco, 15 anos

"É massa o cara namorar. Só tenho os esquemas mesmo, mas prefiro namorar. Mas agora num pode...é bom namorar com a menina certa, né? Porque as menina de hoje só quer... As erradas é as que usa droga, rouba, as envolvidas, né? As certas são as que estuda, trabalha, sei lá...assim ser companheira, mas tem umas ai que quando o cara precisa deixa ele pra trás né?"

Jeferson, 18 anos



"Menina não se envolve pela mesma causa que os meninos. Porque elas vê os meninos se envolvendo e querem ganhar fama também, usar droga. No tempo que eu não era envolvido, eu pedia pra ficar com uma menina e ela dizia 'não, num sei o que'. Aí depois que viu eu usando roupa de marca, andando de carro, moto... aí eu nem precisava pedir não, ela já vinham logo correndo. Essas maioria das meninas num quer homem trabalhador e de bem, não. Só que os que rouba, trafica"

Sosó, 17 anos

"A mulher na historia é sempre a errada, o homem é sempre o certo. Se a mulher fica com muito homem, ela é galinha, mas se o homem ficar com muita mulher, ele é o tal"

Cyntia, 15 anos



"A mulher você trata de qualquer jeito, como se fosse um cachorro. Eu queria ser tratada com respeito"

Brena, 14 anos

"Se envolver, pra menina, dá mais vergonha porque é mulher"

Emily, 17 anos

"Porque tem homem que até respeita uma mulher, mas trata do jeito que ele quiser. Porque tem muita mulher oferecida e essa mulher até que...oferecida é uma mulher que fica se jogando pra cima de homem. É a mulher que tem que mudar o comportamento"

Vick, 15 anos

"Uma mulher oferecida é aquela que fica direto achando graça e fica se rebolando, isso é feio"

Alessandra, 14 anos

"Tem umas que se influencia pelo homem e outras que não"

Alequina, 16 anos

"Porque eu sofro ameaça a todo o momento, eles querem me bater, as vezes por uma coisa que eu não disse, entendeu? E isso é devido a minha sexualidade, homossexual e travesti. Sou menino e menina, os dois, meio a meio, mas eu me sinto mais menina porque eu gosto mais de ser chamada por ela e não por ele. Meu lado menino é chato. De menino, eu só tenho o que veio né?"

Estrela, 17 anos

"Aqui tem homossexual, mas eu num tenho preconceito, não. Eles ficam lá na deles"

Kiki, 16 anos

"Assim...Aqui não tem preconceito, né? Porque a gente não pode julgar a pessoa, tem que respeitar, porque se a pessoa quer pegar ele pra fazer relação à força e ele não quer...eu não sei se isso acontece aqui, mas tem lugar que é assim. Mas é por isso que tem que respeitar, porque tem gente que acha que só porque ele é assim, é obrigado a fazer alguma coisa"

Frajola, 18 anos





"Tia nunca é um descuido por que tem preservativo, se a pessoa engravidar é por que quis, por que tinha como prevenir. Até as crianças sabem. Oh na escola tem, a professora falava, a professora de ciências e mesmo que a pessoa não estude sempre em algum canto toca no assunto, na família, nos amigos"

Diana, 16 anos

"Tem diferença não. A única diferença é que olham pra mulher e dizem que era pra tá em casa, cuidando das crianças, ser dona de casa, só isso. E com o homem é do mesmo jeito, 'em vez de ser trabalhador um pai de família'...do mesmo jeito, tem diferença não. É porque é o certo, porque o dever da mulher é esse e do homem é esse, trabalhar"

Nicole, 16 anos

"Os homens quer ter sensação de poder, chegar assim na festa e ter tudo assim"

José, 16 anos

"Pra mim, ser homem é ter caráter, educação, ter

responsabilidade de cuidar da família e dos filhos também. A mulher também, responsabilidade das obrigações, lavar roupa, varrer a casa, fazer comida, essas coisas. Pode o homem também ajudar”

Yago, 18 anos

“Todo mundo gosta de namorar e também tem que ter consciência, porque tá dando muita doença por aí, como AIDS, sífilis e etc.”

Junior, 18 anos

“Eu gosto de menina, mas lá em casa não falaram nada, não. Minha mãe apoiou, ela disse ‘o gosto é teu e tal’. Quando eu cheguei em casa de cabelo curto, ela olhou assim...mas num falou nada, ela deu foi dinheiro pra eu ir no salão ”

Suel, 14 anos

“Menino que gosta de menino eu acho que sofre mais. No colégio que eu vou estudar tem dois “viados” na sala. Aí os elementos fazem mó besteira com eles. Eu acho que não era pra existir preconceito, porque tem todo tipo de gente na minha sala, tem patricinha, tem vagabundo, tem menino que usa droga, tem viado, tem sapatão como eu...aí ele quer julgar a pessoa sendo que ele também é errado, não é legal”

Pool, 17 anos

“Os instrutores são tão assim que só porque eu fico perto de uma menina, eu já tô namorando com ela. Aqui dentro é tipo um preconceito que eles têm, sabe? Pra uns, mas pra outros não”

Maila, 15 anos

4. Vozes sobre prevenção ao ato infracional!





Objetivo 1.1- Implantar um sistema preventivo para enfrentamento e combate da violência

(...) 1. Criar e implementar fluxos e procedimentos entre as organizações que realizam ações preventivas, em sinergia com o sistema de justiça juvenil para prevenção, enfrentamento e combate da violência;

(...) Realizar campanhas de sensibilização e estímulo, com a rede de atendimento e sociedade civil, sobre as medidas socioeducativas de meio aberto e demais medidas protetivas;

(...)4. Promover a criação de programas de mediação de conflitos e práticas restaurativas;

(...)6. Garantir a efetivação das comissões de atendimento, prevenção/proteção e notificação contras crianças e adolescentes nas escolas públicas, privadas e unidades de saúde;

(...)8. Promover campanha permanente pela afirmação da maioria penal em 18 anos, pelo fortalecimento das medidas socioeducativas e pelo tempo de máximo de internação em 3 (três) anos.

(Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo em Meio Aberto de Fortaleza)

"O que eu puder fazer, eu vou fazer, porque essa vida não dá mais pra mim. A gente se ilude por causa que a gente vai pra festa, conhece pessoas, faz amizade, curti, usa droga e a gente acha que isso faz bem acha que isso é bom. Aproveitar a vida é uma coisa e destruir a vida é outra. Sei lá...essa vida dá mais pra mim, não."

Flor, 17 anos

"Já tentei mudar, mas não consegui, porque eu tava pensando nisso e logo em seguida chegou uma pessoa me mandando já fazer as coisas, 'ei mã tu precisa cobrar isso e aquilo'... porque já é coisa de família, eu tenho duas irmãs minhas e uma tia minha dentro do Auri, uma das minhas irmãs teve filho lá e a outra ta buchuda. Eu tenho dois tios meus lá em Itaitinga. E a filha dela ficou com a minha mãe e hoje a filha dela chama a mãe de mãe. É triste"

Breha, 14 anos

"Os policiais ainda me bateram. Eu disse na audiência, mas eles viram a cara assim... Eles pensam 'ela ta inventando só pra poder sair daqui mais rápido'. Sabe o que eu acho que esses adolescentes precisam pra sair dessa vida? Mais festa, mais coisa boas, mais atenção do Prefeito, mais atenção, pra poder fazer mais coisa. Mais apoio, mais educação, dar curso de graça, porque os cursos são tudo pago"

Cyntia, 15 anos

"Era rocheda. Eu ia roubar só por causa da adrenalina"

Amanda, 17 anos

"Por causa das amizades. Às vezes a família da gente também, porque a maioria aqui tem a família envolvida, na vida do crime também. Aí a pessoa vai crescendo naquilo e acha que é bom. Agora que eu entrei é difícil sair. Mas num sei, nada pra Deus é impossível. Se talvez você for pra igreja e fizer tudo direitinho, quem sabe..."

Elisangela, 16 anos



"É a falha, né? A falha do Brasil, nos nossos direitos. Tem o Estatuto da Juventude, o ECA, mas nossos direitos chegam muito atrasados, depois dos homens bater, depois da droga"

Du Rap, 22 anos

"É comum ver os adolescentes usando droga, mas é o seguinte, a pessoa usa se a pessoa quiser, eles não colocam nada na sua boca, não. A pessoa usa se quiser. A minha

família é tudo gente boa, eu tô no crime porque eu quero”

TanTan, 17 anos

“Mudar é o cara ter uma família, fica mais crânio, né? O cara vai ficando mais velho e vai perdendo os amigos. Aí quando sentir na pele, o cara sossega, tem os estudos, um bocado de coisa que o cara devia ter feito antes, aí dá vontade de se recuperar”

Jeferson, 18 anos

“Me envolvi por causa do meu namorado. Eu amava ele, sabe? Faz um ano que mataram ele, aí eu me afundei de vez, comecei a cheirar cocaína, a fumar, foi quando eu comecei a roubar. Aí quando eu fico sozinha que eu penso que depois que ele se foi, se ele tivesse vivo eu não tava aqui, porque sempre que ele me dava um conselho eu escutava”

Vevé, 17 anos

“Pra mim, o que faltava era só escuta os conselhos dela, conselho de mãe, porque se eu tivesse escutado eu não estaria aqui”

Vick, 16 anos

“Pra melhorar, eu acho que eu preciso de força, né? Força e atenção, porque eu acho que não consigo sair dessa sozinha”

Emily, 17 anos

“Pra o cara mudar, basta ele só ter o espírito da obediência, aí ele muda. Obedecer os pais, né? O cara pode não ser certo, mas tem as obrigações, o cara tem que aprender a vira homem. E vai construir sua família

e realizar seus sonhos, porque o dinheiro fácil vai fácil, mas o dinheiro suado vale"

Chico, 17 anos

"É porque assim...nós pensa em sair, porque nos quer sair, mas o que adianta nós querer e mesmo assim andar com medo?"

Adriana, 16 anos

"Os cara entra que nem iludido, 'vish os pessoal tem dinheiro e tem as coisas na hora que quer, tem carro, tem moto'. Aí quando consegue o seu, já tá encabeçado, fica difícil de sair. Aí chega um ponto que o cara olha assim e num tem mais pra onde ir, não. Tem que viver essa vida até morrer ou ser preso"

DanDan, 16 anos

"Mas, olha...quando tu tá ali vendendo, tu ganha uma cédula boa. Mas quando tu tá trabalhando, tu ganha uma mixaria"

Eliane, 17 anos

"Quem mora na favela é difícil de deixa. Difícil, mas num é impossível. E eu que sei o que fazer? Só se for entrar na igreja, só se for. Porque eu acho que sozinho o cara consegue não, o cara volta "

Pedro, 17 anos

"Antes eu fazia as coisas pra machucar as pessoas, machucar as mães sem saber que tava machucando as pessoas. Hoje mudou, eu não quero mais a vida do crime...Tem que cupar a cabeça dos adolescentes com

coisas boas, Tipo...na comunidade poderia ter mais coisas pra participar e fazer "

Alequina, 16 anos

"Pra impedir de fazer algo errado só estudo e trabalho"

Ronaldo, 18 anos

"Deixe a favela, mas as amizades são as mesmas, a pessoa vende droga se quiser, vai roubar se quiser, entendeu? Os meninos vão me chamar lá pra vender droga, eu vendo se eu quiser e eu num quero. Eu num roubo porque eu não quero, eu num fico nem com arma direto porque eu não quero mesmo. E tô nem aí...tenho que pensar no meu filho que vai vim. Eu to sossegado, graças a Deus"

Polegar, 16 anos

"Quantos amigos teus deste tamanho tem ainda vivo? Dá pra contar nos dedos, pivete. A gente conhecia um bocado, monte de coleguinha da escola morreu"

Marcos, 16 anos

"Pratico só futebol. A gente se sente um pouco grato, né? Se distraí um pouco mais. É importante em algumas coisas, me afasta mais das coisas do mundo e foco mais no futebol. Não me protege, só ocupa minha mente pra eu poder, entendeu?"

Pato, 16 anos

"Por isso que tem outro menor aí que vê assim... 'quero uma armar', e é ligeiro na cabeça deles, mas vá vê o que ta se passando na vida do menor. Pronto, quando num tem dinheiro, aí vê uma mulher passando assim com um

celular, dá uma raiva, dá um sentimento de 'ela tem e por que eu não posso ter?'"

Filho, 16 anos

"Os adolescentes tem que abrir os olhos, ajudar, fazer algum tipo de recuperação, entendeu? Fazer tipo um órgão ou uma coisa assim pra dar um apoio. Criar esses órgãos, criar aconselhamentos sobre droga, sobre criminalidade também"

Estrela, 17 anos

"Pra eu não ter entrado no mundo do crime era pra ter aceitado Jesus e ter vivido nele"

Siqueira, 15 anos

"Preciso do apoio da minha família. Deu certo da outra vez, só que eu voltei pras mesmas amizades.

Eu quero dá um tempo pra pensar nisso"

Marechal, 16 anos

" Sei lá, sempre o apoio de família é bom, conselho. A gente tem é que olhar pros pais da gente, porque eles são o exemplo da casa, por causa que se a gente for pelos exemplo dos menino da rua a gente vai e se afundar"

Nicole, 16 anos

"Eu entrei e não tem mais como sair. Tem a questão de preconceito também, das pessoas. Eu garanto que eu já fui atrás de emprego nessas lojas e nesses mercantis aí tudinho e não dão. Talvez porque me conhece, talvez por causa das tatuagens. e se não for isso pra mim ganhar dinheiro, eu passo fome, num tem ninguém por

mim, sou só eu mesmo”

CV, 21 anos

“A gente precisa que a polícia entenda a gente”

Fernanda, 17 anos

“Eu surfo desde pequeno. Apreendi sozinho..não era prancha não, era na tabua que eu arrumei no meio da rua. Eu tinha patrocínio também no surfe. Perdi porque ele soube que eu fui preso. Minha mãe que me falou que ia cortar, eu fiquei logo triste, né? Não consigo de volta não”

Pitão, 15 anos

“Tinha onde arranjar dinheiro de outro jeito, porque nossa profissão mesmo é aqui. Pra mim era, né? Mas, se Deus quiser, eu to pegando uma mudança de vida, dá pra trabalhar de outra coisa”

Rolinha, 16 anos

“É mais também pelo instinto do cara, pela adrenalina, sabe? Sabe aquela coisa...eu queria desafiar meu medo, aí eu ia e dava certo. Às vezes dá certo, às vezes não, mas eu não vou mentir, tinha é uma coisa que vale a pena”

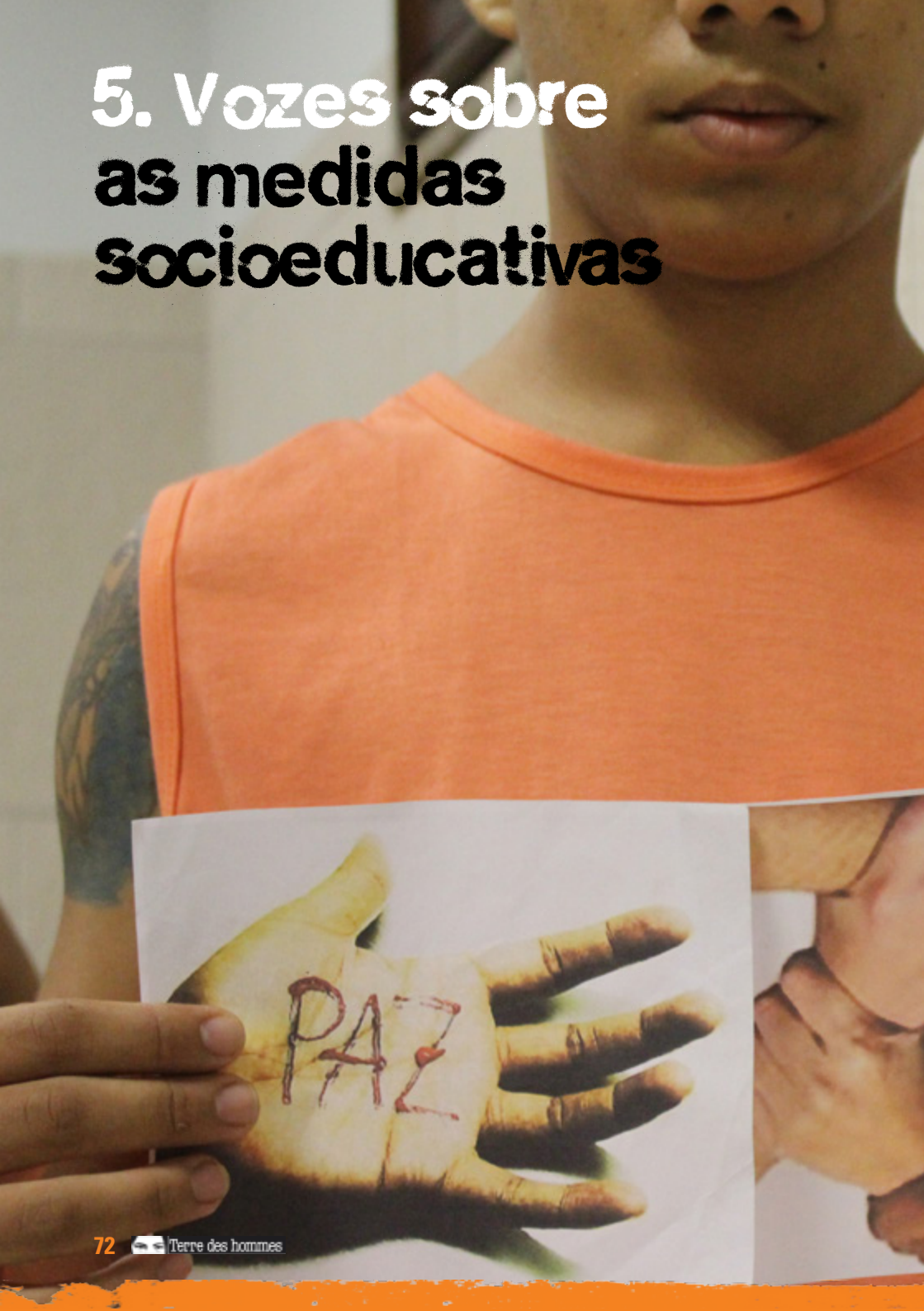
Daniel, 15 anos

“Saí da capoeira por influencia dos amigos, pra fazer coisa errada e pra usar droga. A capoeira ensinava coisa positiva, eu seguia direto os conselhos do meu mestre, ‘acho não vai pra fora não, num tem nada que esse mundo tem pra te oferece (...).

Preciso de Deus”

Negão, 17 anos

5. Vozes sobre as medidas socioeducativas



Art. 112. Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

I - advertência;

II - obrigação de reparar o dano;

III - prestação de serviços à comunidade;

IV - liberdade assistida;

V - inserção em regime de semi-liberdade;

VI - internação em estabelecimento educacional;

VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI.

§ 1º A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la, as circunstâncias e a gravidade da infração.

§ 2º Em hipótese alguma e sob pretexto algum, será admitida a prestação de trabalho forçado.

§ 3º Os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições.

(Lei 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente)



"Eles já chegam dando mãozada da cara, porque não sabem chega e dizem 'minha filha, deixe isso de lado'. Deviam em vez deles bater, humilhar, é... em vez de falar as coisa pra gente se sentir mal, porque isso que eles fazem com a gente, bate, humilha, a gente fica é mais revoltado, a gente pensa é em fazer o pior"

Cyntia, 15 anos

"(...) Quando eu sair daqui eu penso em voltar a estudar e ser a menina que eu era antes, da escola pra igreja, da igreja pra casa. Não voltar a ser aquela que só vivia no meio da rua, fumava vários tipos de entorpecentes. É bom pra fazer eu refletir o que eu fazia lá fora"

Bruna, 13 anos

"O povo era pra ter mais consciência. Se a gente tá aqui é pra pagar o que nós fizemos lá fora, era pra tratar a gente normal, mas não, trata como ladrão"

Maila, 15 anos

"Aí passei 4 meses fugida da semi-liberdade. Quando eu fugi, voltei a usar droga, voltei a andar com certas amizades, andar em festa, né? E, pra mim, eu não me importava, eu não me importava com minha mãe, nem com a minha família. Aí tudo bem, né? Fui roubar e fui presa de novo. Peguei outra semi-liberdade, fugi de novo e agora tô aqui mais uma vez. Sei lá...tudo que eu queria era me libertar, mah, de tudo isso, tudo que eu queria era me libertar de tudo isso"

Flor, 17 anos

"Não mudei meu pensamento. Não eu, só vocês que quer que a gente mude, né não?"

Vanderson, 17 anos

"Tá ajudando, porque nessa hora eu ia tá no meio da rua e não, eu tô aqui"

Bruks, 15 anos

"Pra mim tá sendo exemplo, né? Tá ajudando e dando conselho, né?"

Mainha, 15 anos

"Não muda a gente, porque aqui é uma coisa e na favela é outra"

Pedro, 16 anos

"Nós somos muito discriminado, todo mundo fica olhando"

Filho, 16 anos

"Paciência que a Liberdade vai voltar pra nós"

Siqueira, 15 anos

"Eu cometi um erro, é por isso que eu tô aqui"

Russas, 16 anos

"Na favela o cara só pensa em coisa ruim e besteira, e aqui não, né? O cara tá fazendo alguma coisa"

Vida Loka, 16 anos



"A medida serve pra dar os bons conselhos, né não?"

Pepino, 15 anos

"Aqui serve é pra aprender a conviver com a sociedade e não ser como era antes"

Negão, 17 anos

"Quando sair vai dificultar um pouco, porque vai ser meio difícil a sociedade apoiar. Apoiar uma pessoa que saiu de uma FEBEN, que é tipo um presídio"

Pirulito, 18 anos



"Eu dei umas sete entradas na delegacia da minha cidade e na oitava não sai mais, fiquei lá na delegacia e depois fui transferido pra cá. Fiquei de FEBEN em FEBEN aqui. Só piora, só mais coisa pra pessoa pensar mesmo de se envolver cada vez mais"

CV, 21 anos

"O nego tem que cumpri a medida, né? Mas também é mudança de vida, cumprir. Tem que mudar, né?"

Rolinha, 16 anos

"PIA é antes do cara ir embora, ele vai e faz o relatório pra saber o que aprendeu aqui"

Pirulito, 18 anos

"Quem vai dar oportunidade de emprego pra ladrão?"

Picuí, 18 anos

"Mas o bom também que se cumprir a medida sai com o nome limpo num fica guardado. Quando sair daqui e a porta tiver fechada, só Deus na cabeça e continuar olhando pra frente. Porque se olhar pra trás, já sabe como é. Devia ser diferente, dar oportunidade, dar apoio"

Daniel, 17 anos

"PIA...eu fiz nesses dias aí, fiz meu atendimento. Foi bom o atendimento, foi pra perguntar se quer mudar a vida, né não? Eles perguntam um monte de coisa lá, se o cara quer estudar"

Junior, 18 anos

"Já fiz o PIA, mas eu num assinei nada não, só fiz conversar mesmo"

Papoco, 15 anos

"Todas as meninas aqui tem oportunidade, pelas oficinas. Eles botam a gente pra aprender pra quando a gente chegar lá fora trabalhar. Tem oficina de salão, de arte, de costura"

Emily, 17 anos

"Eu usava cocaína, mas tô fazendo tratamento agora lá no CAPS. Tô tomando uns remédios aí, tô indo pro CAPS toda segunda e quarta. Tenho uma psicóloga lá, tem um grupo que eu tô de

convivência e eu tô tomando os remédios. Tô bem melhor, antes eu vivia magro, magro com o cabelo grande”

Yago, 18 anos

“Pensei em mudar de vida, mas lá fora é cada tentação. A droga...nunca pensei em como parar. Eu queria....Ah eu não sei explicar”

Suel, 14 anos





5.1 Vozes sobre atenção às vítimas

Art. 1o Esta Lei institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) e regulamenta a execução das medidas destinadas a adolescente que pratique ato infracional.

(...)

§ 2o Entendem-se por medidas socioeducativas as previstas no art. 112 da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), as quais têm por objetivos:

I - a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação;

(...)

Art. 35. A execução das medidas socioeducativas reger-se-á pelos seguintes princípios:

(...)

III - prioridade a práticas ou medidas que sejam restaurativas e, sempre que possível, atendam às necessidades das vítimas;

(Lei nº 12.594 – SINASE)

"Sei Lá, tia..ela ia ficar com raiva de mim. Sei Lá, tia... ela podia até me perdoar e entender que foi um impulso, sei não. Não sei,tia. Ah.. talvez ia me perdoar"

Bruna, 13 anos

"Lembro só de umas. Acho que elas ficaram cabrera, assustada, ficaram com raiva. Quando me coloco no lugar delas, eu vejo que é embagado, que é difícil. Iam comprar um bocado de cadeado pra me deixar um bocado de tempo preso. Ia pedir desculpa, porque sim...eu fiz um ato que não é pra cometer"

Sobral, 15 anos

"Eu cheguei lá nos bombeiro, né? Aí a vítima que eu roubei tava lá...era ela, mah, a mulher. Ela me viu, olhou assim, arregalou o olho, ficou só olhando pra mim. Aí eu 'vish, cumpade'. Depois eu fui lá falar com ela, aí eu perguntei 'oi, minha senhora, tudo bem? a senhora lembra de mim?'. Aí ela



'lembro, tu me roubou La na frente da vila'. Aí eu 'vish, cumpade, ela lembra'. Aí ela falou assim 'você ta fazendo curso aqui agora é?', aí eu falei 'é sim', aí ela 'parabéns, continue aqui, porque aqui você vai ter coisa na sua vida, porque na que você vivia num dava em nada, não. Saia dessa vida enquanto você é novo meu filho'. Eu comecei foi a rir, e ela deu foi um abraço em mim, doido!"

Polegar, 16 anos

"Se a pessoa que eu roubei me visse aqui...eu acho que ela ia ficar alegre, né? Mas também ia ficar com pena, né? Se eu tivesse o dinheiro de volta, eu devolvia e pedia desculpa, porque ela ia usar o dinheiro dela pra pagar alguma coisa ou pra comprar comida, não sei. Eu acho que ela ia perdoa, né?"

Chinês, 16 anos

"Eu penso que coitada da bichinha, porque o dinheiro que eu tirei dessas pessoas elas ia usar pra alguma coisa, pra pagar conta, pra pagar o colégio da filha deles e ate pra ter comida dentro de casa mesmo. Ou era o dinheiro pro tratamento de alguma doença, pra alguma coisa"

Frajola, 18 anos

"(...)A família da mulher...eu conhecia a mulher, conhecia a família dela, conhecia o irmão dela, ele é da polícia militar. Eu só sei que eu conversei no dia da audiência...tava a filha dela e o namorado, pedi desculpa, eles entenderam. Ela falou que desculpava, que entendia que foi uma fatalidade. Foi uma lição pra mim também, pra um de menor nunca pegar num automóvel. Penso na morte dela, fico muito triste"

Lukário, 15 anos



"Pra mim o que importava era a adrenalina, mas depois quando eu parava, eu mesmo ficava com pena das vitimas, às vezes eu parava e ficava se pondo num lugar da pessoa, se fosse eu não iria gosta, chorava"

Moreninha, 17 anos



"Eu tô aqui mesmo, mas num tô arrependido não. Eu já fiz num tem mais como voltar atrás, não. Tô aqui mesmo, eu sei que certo não foi, foi errado. Porque os outros tira aquilo que

não é nosso, porque os outro ganha suado, aí nos 'vúco' e leva. O cara pensou que eu ia atirar nele, ele correu, Pensou que ia morrer"

Filipe, 14 anos

"(...) a gente mora na mesma rua e a gente se passa e para e conversa e acha graça. Mas, assim...tem hora que em alguns pontos ela lembra do passado e é chato, né? Porque ela sabe que eu não me sinto bem. Às vezes é quando eu começo a me danar de novo entendeu, quando eu começo a sair de mais, por que é a vida a prostituição eu nunca vou deixar. Ela acha que eu tô fazendo tudo de novo, que eu to voltando a vida que eu levava antes. Porque, tipo assim...eu sinto que ela perdeu a confiança"

Estrela, 17 anos

"Eu dava era uns papoucos em quem fosse me roubar como já aconteceu. Eu tava em casa, aí eu tava indo pra casa da minha mãe e o pivete me roubou. Ora...quando ele virou as costas só foi os pacouco. Mas também...o cara

vai roubar logo na comunidade de quem num tem!”

Cigano, 16 anos

“(…) eu penso que eu não gostaria se uma pessoa chegasse e fosse me roubar, né?”

Veve, 16 anos

“(…) Eu penso que foi errado, que do mesmo jeito que eu roubei eu não ia gostar de que alguém roubasse eu, ou minha mãezinha. Eu não ia gostar se fosse minha vizinha, eu não ia gostar”

Vick, 15 anos

“Quando um cara faz um ato de carinhosidade, aquilo no futuro volta pra gente, tá entendendo?”

Filho, 17 anos

“Eu já cometi várias coisas que não foram nada bons pra mim e pras outras pessoas, pras famílias. Porque eu já fui ruim muitas vezes pra outras pessoas, eu já fui tirar a vida de outras, já fui muito roubar, e um monte de outras coisas. Nem sei o que eles iam pensar”

Brena, 14 anos

“Depois o cara pega pra pensa e vê que tá fazendo errado. Num é o jeito certo de viver a vida, porque aqui a gente vê que tá fazendo errado pras pessoas. Lembro só de umas vítimas...acho que elas ficaram cabrera, assustada, ficaram com raiva. Eu vejo que é embaçado, que é difícil, sabe? Se soubessem que eu tô aqui, acho que iam comprar um bocado de cadeado pra me deixar um bocado de tempo preso. Se eu pudesse, ia pedir desculpa, porque eu fiz um ato que não é pra cometer”

Sobral, 15 anos



5.2 Vozes sobre a medida de internação

Art. 121. A internação constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

(...)

Art. 123. A internação deverá ser cumprida em entidade exclusiva para adolescentes, em local distinto daquele destinado ao abrigo, obedecida rigorosa separação por critérios de idade, compleição física e gravidade da infração.

Parágrafo único. Durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas.

(Lei 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente)

"Eu concordo mais ou menos com as regras daqui, mas não me perguntaram nada. Só disseram pra mim que eu tinha que seguir as regras da casa porque, se eu não seguisse, eu ia passar os 45 dias no dormitório e não ia sair pra nada"

Brena, 14 anos

"Aqui nós vamos pra escola, se diverte, brinca, vai pra oficina, joga bola. A única diferença é que Lá fora nós faz isso tudo e de noite você pode ir numa praça conversar com um amigo. E ter seu namorado também, aqui não só tem mulher"

Bruha, 13 anos

"Acontece de ficar deprimido. Só quando tem os telefonemas mesmo, a visita faz a gente ficar melhor"

Tianguá, 17 anos

"É muito sofrimento, ta aqui é ruim de mais quem sabe mesmo é quem ta Lá em baixo quem ta aqui dentro. É nos só sai uma vez por semana e tão cortando também. Só por atendimento, sala de aula e esporte"

Sobral, 15 anos

"Ela leva nos pra conversar. É do mesmo jeito que a gente ta conversado aqui tia. Isso ajuda, porque você ta pensando aqui na coisa que a pessoa ta falando assim. Rocheda"

Mossoró, 15 anos

"Serve pra voltar melhor pra cumprir medida sócio educativa pra voltar melhor mesmo, é que dizer que a

pessoa entra ruim por que cometeu um ato e roubou e matou e sai pior ainda. Eu conheci muita gente lá dentro, e quando a gente chega lá dentro eles também ensinam, né? E os educador também eles batiam na gente, nós ficava indignado, começava logo a falar em rebelião e assim era assim eles eram tipo nosso inimigo."

CV, 21 anos

"Aqui tem aula só um dia na semana. Num tem nada pra fazer, né?"

Siqueira, 15 anos

"Tem orientador que é bom, dá conselho, mas têm outros que 'o que tu fez?', apontam o dedo, julga mesmo e não sabe esconder. Demonstra mesmo e trata mal mesmo"

Moreninha, 17 anos

"A vivência aqui tem oficinas, tem atividades pra gente se distrair e sofrer um pouco menos, aqui tem coisas pra gente se distrair. Aqui tem oficina, você se alimenta bem, tem orientadores que lhe tratam bem, têm outros que não"

Branquinha, 15 anos

"As psicólogas aqui elas orientam a gente, tudinho daqui são ótimos, faz tudo direitinho, orienta, não brigam, não quer bater"

Cyntia, 15 anos

"É bom e é ruim. É bom porque a gente fica afastava quando a gente tá aqui dentro guardada, mas é ruim porque tem a saudade. E também algumas de nós usam droga, aí também é ruim ficar sem ela"

Elisangela, 16 anos

"Já passei pelo fechado. Avemaria foi bom de mais, passava fome, comia comida azeda, apanhava dos homem, a gente fala assim bom de mais é o contrario"

José, 16 anos

"Aqui to com um mês só, mas eu vim La do são Miguel, babilônia Por que a casa era nossa, Foi na época da rebelião. tenho nada a declarar. Só na adrenalina mesmo, esperar o GATE embora e pronto, fica La com seu coração na mão"

Tortin, 18 anos

"eu já caí quatro vezes. Foi normal, né? Às vezes eu penso nisso, às vezes não, às vezes eu penso em piorar, porque da uma revolta. Não sei ficar presa... Eu não penso nada, só me fez pensar que eu tenho saudade da minha avó."

Emily, 17 anos



"quando o cara tá na liberta o cara nem liga muito pra liberta, mas quando o cara tá preso ele sente saudade, até do cara que brigou o cara sente saudade. Na internação foi ruim o cara sente saudade e pelo o que foi que fiz tá ali, sentir saudade na minha família principalmente"

Cigano, 16 anos

"Lá no Centro foi mó paia, né? Tava na lotação. Quando eu tava lá, o dormitório do 6 ao 15 são grandes, dava pra dormir umas 7 pessoa, mas tinha umas 18 ou 20. É ruim dormir desse jeito. E a comida também era paia. Lá tinha 4 pedra com os colchões, aí bota os colchão no chão e deita todo mundo, o tanto que der. E na maioria das vez não tem colchão, não."

Jeferson, 18 anos

"Passei seis mês no centro educacional. Tu é doido, fora as rebelião lá que eu peguei tudinha. Não contribui não, só faz aperfeigoar o malandro"

Polegar, 15 anos

"O que ajuda a mudar é o tratamento, ser tratada como gente, e não como animais como em outros cantos. Já fui tratada como animal, nas outras internações, não pelos adolescentes, mas por meio dos educadores, porque lá quando estoura uma rebelião, os policiais entram com bala de borracha e batendo em todo mundo e eles não tem pena. Pode ser do jeito que for, cego, torto aleijado, magro, eles não tem pena"

Estrela, 17 anos

"Sei quanto tempo vou passar aqui, não. Mas eu tenho

fé em Deus que eu saio com seis meses, meu relatório foi bom e o juiz disse que se o relatório fosse bom eu ia sair e pegar um LA"

Sosó, 17 anos

"Num vou mentir não gostei daqui não, quero ir pra minha casa recuperar o tempo perdido com a minha família. Mas serviu pra dá mais valor né os conselho da minha vó, por eu moro com a minha vo não com a minha mãe"

Alessandra, 14 anos

"Vistoria é pra nossa segurança. É só aqui, levanta assim tira o short, tira a calcinha e sobe. Mas é só na frente de mulher"

Luana, 17 anos

"Ta sendo péssimo porque a gente tava sem o dia do nosso atendimento. Segunda a gente ia pra sala de aula e ficava lá trancado direto. Nosso lazer é dia de sexta e ainda não tem. Eu acho que aqui a gente podia ficar um pouco solto, a gente aqui fica tudo preso"

Chinês, 16 anos

"Eu passei foi três meses sem vê a minha mãe e tá com cinco visitas que ela não vem. Mas deve ser por causa de dinheiro, porque quando ela vem da é tristeza. Ela diz assim 'eu comprei essas coisas aqui fiado, no final do mês eu vou pagar', da é vontade de chorar porque minha mãe já num tem muito dinheiro e vem e compra essas coisas pra mim. Todo mês ela fazia as comprar lá de casa e não deixava nada falta nem pra mim e nem pro eu irmão"

João, 18 anos



5.3 Vozes sobre a medida de semiliberdade

Art. 120: O regime de semi-liberdade pode ser determinado desde o início, ou como forma de transição para o meio aberto, possibilitada a realização de atividades externas, independentemente de autorização judicial.

§ 1º São obrigatórias a escolarização e a profissionalização, devendo, sempre que possível, ser utilizados os recursos existentes na comunidade.

§ 2º A medida não comporta prazo determinado aplicando-se, no que couber, as disposições relativas à internação.

(Lei nº 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente)

"O pessoal aqui ajuda em muita coisa, sabe? Do estudo...eu não tava estudando. Das minhas coisas, da pessoa pensar mais da mudança de vida, né? Dá conselho pra gente também"

Rolinha, 16 anos



"Tem várias coisas, tem vôlei, tem futsal, tem passeio, tem menina na semi-liberdade que faz curso no CUCA da Barra"

Flor, 17 anos

"Aprendi tudo aqui dentro, eu recebi esse suporte. O ECA é o instituto da criança e do adolescente, porque antigamente existia o Códigos de Menores, porque existia as FEBENS, e o código de menores era qualquer pessoa que não tinha condições para criar elas iam lá pra dentro. Aí onde surgiu o ECA"

Estrela, 17 anos

"Já rolou sair no final de semana e cometer outro ato infracional. Foi normal, mesma coisa, sai daqui roubei e voltei e pronto. Foi uma besteira. Quando saiu no final de semana vou curtir, né? Na volta bate a tristeza. Só venho por causa da minha mãe mesmo, se não fosse a mãe eu num vinha não. Ela manda vim, se não vim é peia. Eu respeito ela por que ela é minha mãe"

Nervinha, 18 anos



"Agora eu tô tirando meus documento tudinho aqui, eu num tinha documento, conseguir tirar minha identidade aqui"

Rolinha, 16 anos

"Tô na semi-liberdade, primeira vez. Tô mudando aí minha vida, né? Mudar de vida, trabalhar, fazer um curso aí, fazer uma faculdade" Mudou o pensamento. Eu aprendi o que os educadores falam aqui, que eu sou bom"

Picuí, 18 anos

"Aqui tá sendo diferente, os profissionais ajudam"

Tortin, 18 anos

"É pra nós abrir os olhos aqui, porque o cara passa a semana aqui aí vai pra liberdade usar droga...aí num dá. Pra mim funciona, tô percebendo mudança"

Pirulito, 18 anos

"Aqui não, é diferente. Aqui nós tamo estudando, recebendo boa alimentação. Sair daqui, terminar os estudos no primeiro ano. Nós tem uma oportunidade aqui, porque não tem essa oportunidade mais na frente"

Junior, 18 anos

"Tô na semi-liberdade. Tem sido difícil principalmente na hora de se despedir pra vim pra cá. Mas aqui é sossegado, é tranquilo. Tem a liberdade da pessoa, a pessoa sair fazer alguma coisa, jogar de bola, ter uma televisão, um colchão

só o filé, ventilador, comida boa. Se eu tivesse na Liberta e eu tivesse saído, eu tava fazendo alguma coisa que eu poderia ou tá preso ou tá morto. E aqui é ruim e é bom, eu fico aqui e por causa de que é bom. Porque eu paro de fazer as coisas e é ruim porque a gente fica longe das pessoas que nós gosta. só por isso mesmo...a saudade.

José, 16 anos

"Na semi-liberdade é uma grande responsabilidade entre nós, porque a pessoa pode muito bem ficar lá, mas depende da responsabilidade da pessoa. A pessoa tem palavra e então faz. Tipo eu, eu vou e volto só, porque eu fiquei de maior aqui. Volto porque eu me sinto bem, e eu tô vendo que eu tô melhorando minha vida e meus costumes. E é assim que tô tentando voltar a minha vida do jeito que eu era, mas não do jeito ruim, do jeito bom"

Yago, 18 anos

"Tem o lado bom e o lado ruim. O lado bom é que a aqui ajuda a pessoa a mudar de vida. O pessoal que trabalha aqui ajuda, dá conselho ajuda, bota a gente pra escola, tem cursos aqui, tem atividades aqui"

Papoco, 15 anos

"Ta bem melhor, to mudando minha vida, meus hábitos minhas amizades, tenho mais responsabilidade"

Yago, 18 anos



5.4 Vozes sobre as medidas socioeducativas em meio aberto

O atendimento socioeducativo municipal de acordo com a lei do SINASE, tem a dupla função de responsabilizar o adolescente pelo cometimento de um ato infracional, desaprovando a conduta delitiva, mas também de garantir os direitos do(a) adolescente, dentro de um processo de integração social e comunitária.

Nesse sentido, o papel da Assistência Social, dentro do Sistema Socioeducativo, não é o de atender, diretamente, todas as necessidades do (a) adolescente, mas articular a rede de serviços no atendimento ao socioeducando, acompanhando e monitorando o cumprimento das medidas (...)

(Manual de Medidas Socioeducativas de Fortaleza)

"Eu to cumprindo uma L.A. Já tive no Centro Educacional, mas só foi uma viagem. O juiz mandou prestação de serviço, eu não cumprir e voltei pra cá. Não cumpri a PSC porque lá não tinha quase nada pra fazer, eu ficava parado lá. Se é pra ficar parado, melhor em casa, a única coisa que tinha lá era pra aguar as plantas, depois eu ficava sem fazer nada. Passei três meses, era pra ficar seis. O problema mesmo era só que não tinha nada pra fazer "

Sousa, 17 anos

"Eu fui encaminhado pra fazer curso. Todo mundo aqui. Eu fui pra fazer curso de informática, eu comecei a ir, mas depois me desinteressei e parei. Gostava, mas parei"

Dan Dan, 17

"Isso aí me ajuda em um bocado de coisa, eu tirei meus documentos, tô fazendo um bocado de curso, já entrei pros bombeiro, tudo através daqui da LA"

Polegar

"Foi normal, minha medida foi ficar assinando até os seis meses, eu acho que o nome é Liberdade Assistida"

Pato, 17 anos

"Cumpro PSC numa lavanderia perto de casa. Eu ia dia de segunda e quarta, fazia pouca coisa. Todo mundo brincando e eu fazendo as coisas. Eu pensei que não era nem pra mim tá ali. Todo mundo olhando pra mim, eu me sentia era triste, pegava e abaixava a minha cabeça"

João, 18 anos

"Depois que comecei a cumprir, voltei pra o estudo. Porque sem o estudo eu não sou nada, não dá para conseguir um emprego bom sem os estudos. To começando a fazer um curso de informática"

Ronaldo, 18 anos

"Já cumpro uma LA. Foi bom, saí já no outro dia. Faltava só um pra assinar, um mês. Tava de bobeira, aí eu cai de novo. Foi a primeira queda que eu vim pras casas. A LA serviu porque eu tive mais uma chance, mas eu não pensava não."

Montese, 16 anos

"PSC, mas num fui responder não. Chegou um bocado de papel lá em casa, mas não fui não"

Já Morreu, 15 anos

"Liberdade assistida. É bom porque a gente recebe os conselho da família e das outras pessoas que gostam da gente" "Eu não gostava de estudar, aí a psicóloga foi com a filosofia de me ajudar, né? Me levou pro colégio, pra trabalhar, a minha mãe também botou na minha cabeça... aí eu comecei ir pro colégio, a trabalhar mesmo"

Nicole, 16 anos



"Tá sendo bom, foi bom. É PSC, eu pegava ficava chamando o pessoal, as família, ficava botando as cadeiras pra sentar as pessoas, só isso. Os pessoal são legal, eles ficam brincado comigo, né? Às vezes trazem alguma coisa pra mim e tal. Eles ficam dizendo que se eu quiser tomar água ou merendar... 'pode ir mã, pra não me preocupar com isso'"

Bob, 16 anos

"Ajudou a ser mais responsável, porque antes eu era irresponsável, no sentido de desrespeitar minha vó, minha mãe. E eu cumprio PSC La no CUCA, e tem que ter responsabilidade para ir toda quarta e sexta"

Ian, 16 anos



"Aqui tem que saber se explicar, explicar as coisas que vão acontecer, informar de outras coisas por fora que pode ajudar nós a não cumprir uma medida e saí daqui emperrado. Se o cara souber, faz um curso, aí a gente vê o CREAS...foi uma ajuda e um apoio pra nós, vamo agarrar isso aí"

Filho, 17 anos

"O apoio do pessoal foi muito ótimo, porque eles me deram apoio, me acompanharam, ficava dizendo pra eu não desistir, ficar cumprindo a medida"

Ronaldo, 18 anos

"Liberdade assistida. Não faço nada, eu só entro aqui converso aqui e só"

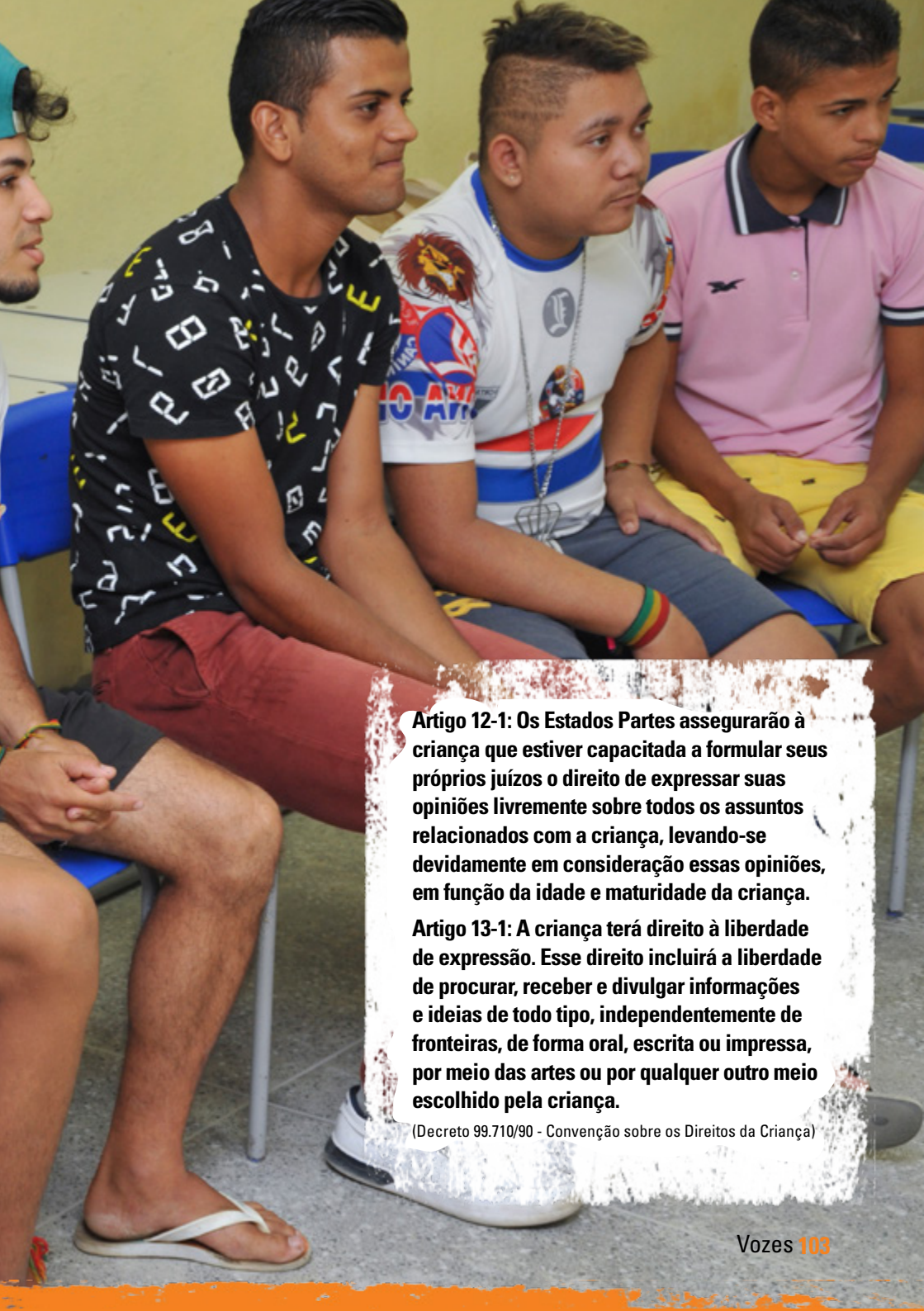
Vanderson, 16 anos

"É bom né, por que a gente recebe os conselho da família e das outras pessoas que gostam da gente"

Nicole, 15 anos

6. Vozes sobre ter voz





Artigo 12-1: Os Estados Partes assegurarão à criança que estiver capacitada a formular seus próprios juízos o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados com a criança, levando-se devidamente em consideração essas opiniões, em função da idade e maturidade da criança.

Artigo 13-1: A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou por qualquer outro meio escolhido pela criança.

(Decreto 99.710/90 - Convenção sobre os Direitos da Criança)

"E quem garante que vocês vão voltar daqui uma semana? Quem garante que vocês vão criar uma rotina aqui pra realmente sentir na pele o que a gente vive? Quem garante que vocês vão voltar e vão mudar alguma coisa no juiz, que vai mudar alguma coisa de outra galera de outra periferia? Quem garante que isso aqui não é só mais um trabalho de monografia, de doutorado, de pós graduação?"

Du rap, 22 anos

"Eu gostei, porque eu desabafei e eu to me sentindo mais aliviada"

Maila, 15 anos

"Foi ótimo, a gente se sente aliviada. A gente se sentiu segura, essas coisas a gente não gosta de falar pra ninguém lá fora, não."

Branquinha, 15 anos

"Eu não gosto de falar pra ninguém e aqui eu conversei muito"

Flor, 17 anos

"Porque esses juízes vão escutar tudo que nós disse, e esses promotores"

Sol, 15 anos

"Foi bom, né? Um momento de desabafo, de tirar o que tá machucando dentro da gente. Queria que acontecesse mais vezes, né?"

Diana, 16 anos



"Pra mim, foi legal. Um momento de conhecer e desabafar"

Tatiana, 17 anos

"É...Eu tô saindo daqui com outro pensamento, né? Pensamento de mudança, tá aqui foi bom, né?"

Sousa, 17 anos

"Foi bom, conhecer pessoas novas e adquirir conhecimento. Eu to saindo daqui melhor, mais entendido"

Jeferson, 18 anos

"É importante pra que o Brasil veja que os adolescentes querem alguma coisa na vida, e pros outro vê que nós estamos mudando, tá entendendo? Quando você falou que a palestra que você vai fazer vai chamar policial, chamar juiz, chamar defensor pra eles vê...esses três aí vão fazer algo por eles também. Bora vê se pra que eles dá esse segmento...nós quer é virar um cidadão"

Filho, 17 anos

"Eu gostei, porque a pessoa aprende, as pessoas fala e a gente vai aprendendo, né...coisas novas, a pessoa vai lembrando também"

Bob, 16 anos

"É muito importante para abrir a mente da pessoa, levando ensinamento."

Ronaldo, 17 anos



"Foi bom, porque a gente conta a realidade de que eu vivo e o que os outros vivem aqui dentro"

Estrela, 17 anos

"Eu gostei, né? Que cada um falou dos sentimento, do que sentia e cada um compartilhou aquilo que queria falar. Todo mundo se abriu cada um falou uma coisa que tava sentindo"

Fernanda, 17 anos

"A gente não tem muita liberdade assim nos canto de falar, né? Mas é bom falar em um momento assim"

Marcelo, 16 anos

"Tô lendo aqui o livro. Fala de algumas pessoas aí que só viu maldade na liberta, só queria fazer maldade e agora tão tentando mudar a vida. Alguns tão querendo mudar a vida e outras coisas...só isso mesmo que me chamou a atenção. Tô afim de mudar a vida também"

Tripinha, 16 anos

"Foi bom, foi ótimo, porque nós só falamos de coisas boas, né? Coisas que pode dar força pro nosso futuro, coisas que são importantes. De família, de ter paz e sossego"

Daniel

"Eu achei engraçado ouvir da vida do outro, foi massa. Ajuda a pensar na sua própria vida"

Filipe, 14 anos

7. Vozes sobre futuro

A person with dark hair, seen from the back, is wearing a white sleeveless shirt. They are looking upwards towards a ceiling made of blue and white square panels separated by red lines. To the right, another person's arm and hand are visible, reaching out towards the ceiling.



Artigo 6-1: Os Estados Partes reconhecem que toda criança tem o direito inerente à vida.

Artigo 6-2: Os Estados Partes assegurarão ao máximo a sobrevivência e o desenvolvimento da criança.

(Decreto 99.710/90 - Convenção sobre os Direitos da Criança)

"Porque todo mundo deve ter sonho e o meu sonho é ser escritora. Todo mundo tem um sonho bobo, né não, tia?! Desde sete anos eu queria ser isso aqui, escritora. Eu gosto de falar de romance, eu invento cada texto, tia! Mas eu não mostro pra ninguém porque eu tenho vergonha. Já mostrei pro meu pai aí ele me dizia pra eu nunca desistir nos meus sonhos, que mais lá na frente eu podia realizar ele"

Bruna, 13 anos

"Quando sair daqui, né...eu quero lutar pelos meus sonhos e conquistar um lugar que eu possa abrir a boca, bater nos peitos e dizer que é meu, com meu suor"

Flor, 17 anos

"Eu tenho vontade de ter minha própria casa, minha própria família e ser feliz"

Vick, 15 anos



"Eu quero só mais uma oportunidade. Deus me deu mais um livramento, eu só quero sair daqui e ter minha vida de volta, só quero que ele me dê mais uma oportunidade, porque eu num tô falando da boca pra fora, ele sabe que eu tô falando de coração."

Branquinha, 15 anos

"Sair daqui, ir ficar com meu marido e tentar mudar, porque eu não sei se vou mudar. Pra fazer com que eu mude só Deus mesmo, pra me mudar. Eu tenho vontade de mudar, porque, sei lá... às vezes eu fico cansada dessa vida, é muita pressão pra cima de mim. Às vezes eu sou culpada das coisas, às vezes eu preciso resolver isso e aquilo, e os outros me mandando fazer isso e aquilo, um bocado de coisa. Já tentei mudar, mas não consegui"

Brena, 14 anos

"Meu futuro, assim...só Deus que sabe"

Chico, 17 anos





"Terminar meus estudos, porque eu quero ser juíza, quero ser juíza de criança e adolescente. Toda criança e adolescente que for preso a primeira vez, eu libero. Aí da segunda vez eu deixei só até uns 15 dias, no máximo, e libero. Aí das outras vezes, eu deixo até os 45 dias e assim vai aumentando, entendeu? Só que não vou ser dura, avemaria!"

Cyntia, 15 anos

"Sei não, tia. Nem pensei, eu só deixo o tempo passar"

Emily, 17anos

"É recuperar o tempo perdido com a minha família"

Alessandra, 14 anos

"Futuro é por último, porque é o futuro"

Pedro, 16 anos

"Ah...eu quero só melhoria, né? Saúde e que tudo que eu tô pensando der certo. Melhorar minha família, ser bom pra minha mãe, porque dei muito trabalho para minha mãe e ela sofreu muito. Não sei se dá pra recuperar, mas tentar melhorar, né?"

Mainha, 17 anos

"Meu sonho é ser gastrônomo, fazer gastronomia, tá entendendo? Mas vou pegar esse próprio ramo de panificação, qualquer coisa eu faço meu próprio produto mesmo e saio vendendo"

Filho, 17 anos

"Dá a volta por cima, né? É que a gente errou e tá consertando"

João, 18 anos

"É fazer, quem sabe um dia, minha faculdade de psicologia ou de direitos humanos. Porque é meu jeito, vem de mim, e eu acho que eu tenho capacidade de segurar. Preciso de muito esforço de mim mesma"

Estrela, 17 anos

"Meu sonho quando, eu sair daqui, é voltar a estudar, arrumar um emprego e dar o melhor pra minha família"

Chinês, 16 anos

"Meu sonho é ajudar meu pai e minha mãe e mostrar que eu mudei. É só eu querer e dar o meu primeiro passo"

Kiki, 16 anos

"Meu sonho é só sair daqui, mudar, dar o melhor pro meu filho e realizar o sonho de cuidar do meu pai que tá velho e da minha mãe. Porque eles sempre me deram força pra ir em frente"

Sosó, 17 anos

"Eu quero que seja melhor do que antes, do que eu tava vivendo"

Marechal, 16 anos

"Meu sonho é morrer com Deus no coração pra não parar no inferno. Tenho medo do inferno. Preciso orar, ir pra igreja, pedir perdão a Deus pelos erros"

Tianguá 14, 16 anos

"Terminar meus estudos, fazer uma faculdade. Quero vê ainda, mas eu quero ter uma mudança de vida. Oh...qui em agosto vai abrir o concurso do Primeiro Passo, quero ter a oportunidade também de fazer esse concurso. Se passar, já vai ter um emprego, aí já vai ter um ano de contrato, já vai ser uma experiência boa já"

Daniel, 16 anos

"Meu sonho é sair daqui, mudar de vida e estudar. Ah... fazer faculdade e essas coisas assim que era pra ter feito. Era pra ter feito não, ainda dá tempo de fazer"

Montese, 16 anos



"Apesar disso, eu ainda acho que posso ser um sufista profissional. Só preciso de esforço, né? De correr atrás"

Pitão, 15 anos

"Preciso de muito estudo e muito esforço de mim mesmo, né? Muito esforço e coragem pra enfrentar o mundão de frente"

Yago, 18 anos

"Eu queria construir minha família, ficar sossegado e arranjar um emprego. Tá faltando só um trabalho mesmo. Não é fácil, mas nós támo se esforçando aí"

Junior, 18 ano

"Agora é diferente, porque eu quero crescer e ser alguma coisa no futuro"

Gustavo, 13 anos



"Eu quero arrumar um emprego bom que ganhe bem. Eu já tenho, mas não ganho bem, não...é lá perto da rodoviária. Quero ajudar minha família, pegar o terreno que a minha mãe me deu e construir uma casa pra mim, construir minha família e ser feliz. E eu sei que eu tenho que mudar, mas nessa vida que eu tô indo não falta muito longe não."

Da Lua, 18 anos

"Eu gosto mais de jogar bola, eu acho um futuro bom jogar bola, trabalhar, estudar. Mas eu tenho asma"

DanDan, 16 anos

"Eu quero minha liberdade e a melhora da minha vida. Quero aprender ainda mais coisa, quero ser cientista. Até hoje só criei problema"

Sobral, 15 anos

"O que eu quero ser no futuro é terminar meus estudos, fazer faculdade, arrumar um emprego e ajudar o meu filho que vai nascer. Ter uma casa e construir a minha família"

Papoco, 15 anos

"Meu sonho é vê os elementos com um livro debaixo do braço e longe do crime. Vê meus amigos saindo do crime, arrumar um emprego rocheda e quando eles fossem entregar o currículo deles, não ser discriminado. Eu sonho com eles na faculdade, meu sonho é eles terem o domínio do conhecimento. Eu sonho eles ter o domínio do código de linguagem, da teoria. Meu sonho é a galera conseguir assimilar, absorver e botar em prática, meu sonho é ver os pivete com um livro debaixo do braço e não com o fuzil no ombro"

Du Rap, 22 anos

"Meu sonho é assim...é vê todos meus amigos saindo dessa vida, tá entendendo? Porque se tivesse uma forma melhor era mais opção pra pessoa escolher, né? Só basta eu querer, só basta eu querer"

CV, 21 anos

"Meu sonho é conseguir terminar meus estudos e usar isso pra continuar ajudando os meus, as pessoas da minha comunidade, pra usar nossos direitos e garantias no nosso futuro. As coisas mais básicas faltam, né? E esse é motivo principal pra que a galera se envolva com os atos infracionais"

Esperança, 22 anos



E daqui pra frente?

Já fui presa várias vezes, e em cada entrada que dava tive de uma saída várias experiências. Aprendi o verdadeiro valor de uma amizade, que vai por mim, parceiro! Amigo a gente não procura, o coração é que encontra. Eu tive influência de “amigos”, mas eu que quis. Se eu pudesse voltar atrás, faria diferente. Mas naquele lugar encontrei pessoas que realmente confiavam em mim, que me davam oportunidades. E é isso que todos nós adolescentes precisamos.

A vida não é fácil lá dentro, mas aqui fora não está aquele mar de rosas. Eu vejo vários assaltos, homicídios, tráfico, enfim...a gente passa a entender

melhor a vida quando passamos por batalhas, dificuldades e preconceitos. Mas, irmão, não baixe sua cabeça e nem recue. Aceite o desafio da vida. Aí dentro é passageiro, mas aqui fora a jornada continua. É você quem faz a sua história. Se o seu limite é o céu, então quebre essa regra. Faça das suas experiências aí dentro um processo de conquista.

Quem falou que seria fácil vencer? E quem falou que seria impossível? Muitos tentaram me derrubar, falavam de mim pelas costas, mas eu entreguei tudo em oração, e todos aqueles que tentaram coisas contra mim, diante de Deus caíram. Muitos me julgavam, mas eu não ligava. Porque nenhum deles passaram o que eu passei.

Cresci numa família onde todos eram envolvidos, eu poderia ter feito diferente, mas eu errei. Todos erram. Às vezes acho que tenho que passar por certas coisas para aprender a dar valor. Quantos amigos você acha que eu perdi? Quantos amigos você perdeu envolvidos no crime? Quem vê, fala “foi mais um vagabundo” e acha normal. A gente vê as mães dos nossos parceiros chorando, vê a situação. Eu fiz minha mãe sofrer muito, mas eu só aprendi a dar valor quando eu refleti o meu erro. Quando meu irmão, no meu aniversário, me escreveu uma carta que dizendo que queria que eu fosse embora e que a mãe chorou muito quando eu fui presa. Todas as mães são guerreiras e só elas estão do seu lado, dentro e aqui fora.

Tá difícil? Continue tentando. Você caiu? Erga-se. Você quer? Lute. Você perdeu? Recomece. Você ama? Demonstre. Não te escutam, eu sei. Mas mesmo assim não se cale, desabafe através desse livro, como eu fiz. É tão bom poder ser ouvido e ter toda atenção que precisamos. Mesmo você com seus erros, se sentindo excluído da sociedade, existem pessoas que acreditam nas nossas histórias, que querem nos escutar e mostrar para o governo o que vocês passam aí dentro e tentar fornecer alguma solução. Conte o que está passando aí dentro, não precisa dizer seu nome.

Hoje eu tô tentando me manter firme. Não tenho medo, tenho força de vontade de ir atrás do que eu quero, hoje eu tenho voz.

Cinthyia Alexandre Ribeiro

Jovem egressa do sistema socioeducativo, compositora e sonhadora.

Instituições parceiras e facilitadores

1. Secretaria do Trabalho, Desenvolvimento Social e Combate à Fome – SETRA

Secretário: Cláudio Ricardo Gomes de Lima

Centros de Referência Especializados de Assistência Social – CREAS

CREAS Alvorada

Coordenação: Maria Ludmila Lopes Tavares

CREAS Conjunto Ceará

Coordenação: Ricardo Oliveira de Souza

CREAS Luciano Cavalcante

Coordenação: Blenda Nylremeia Almeida Ferreira Farias

CREAS Monte Castelo

Coordenação: Ivoneide Cavalcane Rosa

CREAS Mucuripe

Coordenação: Lúgia Monteiro Farias Prado Almada

2. Superintendência Estadual do Atendimento Socioeducativo

Superintendente: Cássio Silveira Franco

3. Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social – STDS

Secretário: Josbertine Virgínio Clementino

Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota

Direção: Elisa Barbosa Rodrigues

Centro Educacional Dom Bosco

Direção: Alan Ramos

Centro de Semiliberdade Mártir Francisca

Direção: Maria Coeli Girão Santiago

4. Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

Presidente: Maria Iracema Martins do Vale

5ª Vara da Infância e Juventude da Comarca de Fortaleza/CE

Juiz: Manoel Clístenes Façanha de Moraes

5. Instituto CUCA

Presidente: Ismênio Bezerra

Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – CUCA Jangurussu

Coordenação: Daniel Mamede

6. Defensoria Pública do Estado do Ceará

Núcleo de Atendimento aos Jovens e Adolescentes em Conflito com a Lei (NUAJA)

Supervisor: Defensor José Valter de Araújo

Adolescentes e jovens participantes da escuta

(nome fictícios)

Adriana, Alequina, Alessandra, Amanda, Amanda M., Bob, Branquinha, Brena, Bruna, Bruno, Bruks, Ceará, Chico, Chinês, Cigano, Cristal, CV, Cyntia, Da lua, DanDan, Dam Dam, Daniel, Diana, Du rap, Eliane, Elisangela, Emily, Esperança, Estrela, Feijão, Fernanda, Filipe, Filho, Flor, Frajola, Gustavo, Ian, Já Morreu, Jeferson, João, João, Jocs, José do Bom Jardim, Júnior, Kiki, Lane, Leandro, Lorim, Luana, Lukário, Maila, Mainha, Malvado, Marcelo, Marcos, Marechal, Michele, Montese, Moreninha, Mossoró, Nega, Negão, Neném, Nervinha, Nicole, Ojuara, Papoco, Patizinha, Pato, Pedro, Pepino, Pirulito, Pitão, Polegar, Pool, Rhay, Rocheda, Rolinha, Ronaldo, Russas, Siqueira, Sobral, Sol, Sosó, Sousa, Suel, Tainara, TanTan, Tatiana, Tianguá, Tianguá 14, Tortim, Tripinha, Tub, Vanderson, Vevé, Vick, Vida Loka, Yago.



desenvolvimento do projeto



apoio



Prefeitura de Fortaleza
Secretaria Municipal de Trabalho,
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Trabalho
e Desenvolvimento Social



ESTADO DO CEARÁ
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA



**DEFENSORIA PÚBLICA GERAL
DO ESTADO DO CEARÁ**



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Superintendência do Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo

